H. Barboff

1885

OBRAS POETICAS

DE

PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO.

TOMO I.

Nova Edição.

RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA.
1812.

Com Licença de S. A. R.

OBRAS POETICAS
DE GARÇÃO.

SONETO I.

QUem de meus versos a lição procura,
Os farpões nunca vio de Amor insano,
Nem sabe quanto custa hum vil engano
Traçado pela mão da Formosura.

Se o peito não tiver de rocha dura,
Fuja de ouvir contar tamanho dáno,
Que a desabrida voz do Desengano
O mais firme semblante desfigura.

Olhe, que ha de chorar, vendo patente
Em tão funesta, e lagrimosa scena
O cadafalso infame, e sanguinoso.

Verá levado á morte hum innocente:
E condemnado a vergonhosa pena
O mais fiel amor, mais generoso.

A' Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcellos.

SONETO II.

LUtando com mil sustos, mil pezares,
Com desprezos, enganos, e rigores,
A teu rosto gentil, olhos traidores,
Templos lhe consagrei ergui-lhe altares.

Rociadas de lagrimas a máres
Degollavão as victimas Amores:
Ara cruel! suspiros, mágoas, dores
Lançava em denso fumo aos mansos ares.

Chegou Marilia de mudar-te o dia;
Têas, secure, pyra, vasos, fogo
Tudo rompeste, tudo aos pés pizaste.

Triunfou, triunfou a tyrannia,
Mas a pezar do altivo desafogo
Illesa a fé, illeso o amor deixaste.

SONETO III.

EM magnifica scena a fantasia,
Entre festões de estrellas radiantes,
Teus angelicos olhos triunfantes,
Gentil Marilia, me mostrou hum dia.

O Sol de teus cabellos se esparsia,
Por columnas, e frisos rutilantes;
Aos pedestaes atados mil Amantes,
Honesto riso suspirar fazia.

Movendo longas azas brandamente,
Voavão Esperanças, e Desejos;
Co' as Graças abraçadas, c' os Amores;

Mas retinindo hum silvo, de repente
A cortina cahio; males sobejos!
Só mágoas vi depois, só vi temores.

SONETO IV.

Os antigos Poetas fabulando
Inspirados por Deoses se fingírão,
Com o Olympo sonhárão, e mentírão
A falsos Numes torpes aras dando.

Eneas pio ao Bárathro levando
Ver Eliza outra vez lhe permittírão;
E humas sombras, que ávidas o virão,
Memorárão o caso miserando.

Para honrar de seu canto a melodia,
Procurárão desta arte engrandecella,
E quasi forão tidos por divinos:

Eu mais fama darei á Poesia,
Se hum instante sonhar, Marilia bella,
Que são dos olhos teus meus versos dinos.

A' mesma Senhora.

SONETO V.

CAntar Marilia ouvi tão docemente,
Que o coração, prostrados os sentidos,
Imaginou, que até pelos ouvidos
Seus olhos o assaltavão de repente.

Entrava a doce voz tão brandamente,
Quaes entrão n' alma os olhos seus movidos
Com formoso desdem, quando rendidos
Piza desejos mil tyrannamente.

O poder milagroso da harmonia,
Que no peito em triunfo campeava,
Na mão por palma os olhos seus trazia.

Eu, que ao Carro fatal atado andava,
Se era vella, ou ouvilla não sabia,
Sei que os novos grilhões não estranhava.

A' mesma Senhora.

SONETO VI.

SE eu soubera, Marilia, que vivia
O doce Amor nos olhos teus formosos,
Em meus sublimes versos numerosos
O dia de teus annos cantaria.

Qual brando Orfeo co' a força da harmonia,
Dos ingremes outeiros pedragosos,
As altas faias, álamos frondosos
Para ouvir-me cantar desprenderia.

Não cuides que vans fábulas invento,
Se vendo os olhos teus, teu rosto amado,
Do peito sinto o coração fugir-me.

Antes, senão me engana o pensamento,
Farei que o Mundo todo namorado,
Qual fiquei de te ver, fique de ouvir-me.

SONETO VII.

CHeios de espessa nevoa os Horizontes
Espantosas voragens vem sahindo!
Foi-se o Sol entre nuvens encubrindo,
Voltando para o mar os quatro Ethontes.

Cahio a grossa chuva pelos Montes,
Os incautos Pastores aturdindo;
E engrossados os Rios vão cubrindo
Com embate feroz as curvas Pontes.

Com medonho estampido pavorosos
Os longos écos dos trovões soando,
A rezar nos puzemos temerosos.

Parou a chuva; correm sussurrando
Os torcidos regatos vagarosos;
Não me atrevo a sahir, fico jogando.

SONETO VIII.

Se, Beliza gentil, pudéra crer-te
Exposto a todo o mal, todo o tormento,
Esperára, voando o pensamento,
Com suspiros, e lagrimas mover-te.

Ousado commettêra, em fim, render-te
Sem a pena temer do atrevimento,
Pois para ter desculpa o meu intento,
Bastava ser a causa só querer-te.

Mas vivo tão cortado de desgosto,
De desprezos, traições, e tyrannias,
Que sonho cuido ser quanto desejo.

E nem á luz de teu sereno rosto,
Com que meus triste olhos alumias,
Posso crer qne te vejo, se te vejo.

SONETO IX.

AO som da Fonte-santa, que corria
N' alva borda do tanque debruçado,
De cansados desejos, já cansado,
O triste Coridon adormecia:

Em doce sonho imaginando via
De Beliza gentil o rosto amado,
Que na trêmula vêa retratado
Dos olhos cobiçosos lhe fugia.

Os torpes braços sem cessar movendo,
Em vão aperta a limpida corrente,
Em vão lhe está com lagrimas dizendo:

Se folgas de que morra hum innocente,
Porque foges de mim, Ninfa, sabendo
Que Amor me mata, quando estás presente?

SONETO X.

QUal a mansa Novilha, que innocente
Pelas pontas de louros enramada
A duro sacrificio vai puxada,
Sem temer a secure reluzente:

Só conhece que morre, quando sente
O frio gume na cervís cravada,
Então; mas tarde já, desenganada,
Ao Ceo se queixa da malvada gente!

Taes, Beliza cruel, a teus ouvidos
Voão meus rudes innocentes versos,
Sem merecer desprezos, nem rigores;

Quando os virem porém ensurdecidos,
Quando forem pizados, e dispersos,
Debalde espalharáõ tristes clamores.

A' Senhora D. Maria Caetana de Sousa Seyão.

SONETO XI.

AMor, que mil cilladas me traçava
Lá de trás de huma verde gelozia,
Com huns pequenos olhos me feria,
Com que os sentidos todos me assaltava.

Mal retinio a fréxa, que voava,
Já roto o pobre coração sentia;
E o sangue, que das vêas me corria,
Com lagrimas ardentes misturava.

Em vão fugir procuro, em vão desejo
Arrancar da ferida os passadores;
Cravados dentro n'alma me ficárão.

E desde então, que sempre os olhos vejo,
Esses olhos pequenos, e traidores,
Que para me matar, me não matárão.

A' Senhora D. Elena Filipa Xavier Navarra.

SONETO XII.

COmtigo, Lydia, morão os Amores,
Morão as Graças, Lydia na verdade,
Que no reino de Amor a liberdade
Sempre viveo sujeita a mil temores.

De teus formosos olhos vencedores,
Amor as armas tem na claridade;
Como ha de voar livre huma vontade
Por entre aljavas, arcos, passadores?

Ninguem solto se vê, se chega a ver-te;
Por mais livre que traga o pensamento,
Ha de amar-te, servir-te, e obedecer-te.

Negar o captiveiro não intento;
Pois inda que quizera não querer-te,
Nunca livre me víra, nunca izento.

SONETO XIII.

ESpargindo dourados resplendores
De teus annos, angelica Maria,
Nasce o ditoso, o suspirado dia,
Dia das Graças, dia dos Amores.

Juncada a terra de orvalhadas flores,
Em sinal de prazer, e de alegria,
Das frautas alternando a melodia
Trávão corêas Ninfas, e Pastores.

Pelas concavas fragas retinnindo
O brando som de versos sonorosos
Teu nome estão os montes repetindo.

E os Satyros campestres cobiçosos
De ver os olhos teus, teu gésto lindo,
Se pendurão dos álamos frondosos.

SONETO XIV.

AMigo Frei Joaquim, assim te eu veja
Vigario de Pondá, ou Taprobana,
Assim voltes a barra Tagitana,
Que para seu cachopo te deseja.

Assim permitta o Ceo, assim proveja,
Que farto de charão, e porçolana,
Tragas veste, calção de linha Ousana,
Por Soli-Deo na tóla huma bandeja.

Assim Naire montado n' um camêlo
Arrastando as gualdrapas pela rua,
Passees por Lisboa a passapello.

Assim digas, assim por vida tua,
A quem sabes que adoro com disvelo,
Que est' alma dantes minha, agora he sua.

Aos Annos do Coronel de Artilharia Frederico Weinholtz.

SONETO XV.

COm soquete, lanada, e bota-fogo
Armado vi Amor; tinha assestados
Em plataförma cem canhões dourados,
Com que ao Mundo fazia hum vivo fogo.

No serviço cruel, sem desafogo,
Fervião seus alígeros soldados,
As balas erão olhos magoados,
O estridor das peças vivo rogo.

Eu, que o golpe temi de tantos dãnos,
Que he isto? lhes bradei, Moços traidores?
Surrindo me respondem os tyrannos:

Weinholtz, que ao gésto lindo, q'aos ardores
De Filis se rendeo, hoje faz annos;
Tão bom dia festejão os Amores.

SONETO XVI.

O Louro Chá no Bûle fumegando
De Mandarins, e Brâmenes cercado;
Brilhante açucar em torrões cortado;
O leite na caneca branquejando.

Vermelhas brazas, alvo pão tostando;
Ruiva manteiga em prato mui lavado;
O gado feminino rebanhado,
E o pisco Ganimedes apalpando.

A ponto a meza está de enxaropar-nos,
Só falta que tu queiras, meu Sarmento,
Com teus discretos ditos alegrar-nos:

Se vens, ou caia chuva ou brame o vento,
Não póde a longa noite enfastiar-nos,
Antes tudo será contentamento.

SONETO XVII.

DEpois de atar o pobre barco Algido,
Algido pescador do Tejo undoso,
Em quanto o bravo Noto procelloso
Revolve as negras ondas insoffrido;

Entre limosas lagens recolhido,
De Dinamene o nome saudoso
Na liza boia de hum Chinchorro algoso,
Suspirando entalhou co' anzol torcido:

Depois tres vezes o beijou, dizendo:
Quaes serenão teus olhos meus pezares,
Teu nome o mar serene: e ao mar o lança;

Súbito o Ceo azul se ficou vendo;
Desfaz-se a branca escuma pelos máres;
Adormecem os ventos em bonança.

SONETO XVIII.

VEjo na vasta scena do futuro
Do tragico Destino a face acceza!
E de Espectros cobrir a redondeza
O nebuloso Ceo, o Pólo escuro.

Rasgar-me o peito, e coração figuro
Da torpe Inveja a barbara fereza:
Da fome crua, esqualida pobreza
Em vão fugir desejo, em vão procuro.

Nada vale constancia, e soffrimento;
Monstros feros, Cerastes assanhando,
Paciencia, e valor poem a tormento.

O que mais he, que a vida prolongando
Se ceva, e nutre o meu entendimento
Do espectaculo fêo, e miserando.

SONETO XIX.

N'Uma sonora roda, que girando,
esmancha de seus raios a figura,
om delicada mão de neve pura
linda Natarea vi fiando.

O linho humedecer de quando em quando
o' a doce boca de rubim procura;
ias Amor, que cilladas aventura
m torno ao louro fio anda voando.

Pezados sobre as azas meus Desejos
) Capitão ousado vão seguindo
hé que a molhar o fio se inclinasse.

Bradou Amor; roubárão-lhe mil beijos:
ê o triste os ladrões ir já fugindo,
pede-me que o furto lhe entregasse.

SONETO XX.

AO brilhante poder do santo fogo
De teus formosos olhos vencedores,
Que do suave Tyrse são senhores,
Se acolhe humilde, meu humilde rôgo.

Que ampares, gentil Clori, peço, e rógo,
Se podem commover-te meus clamores,
A quem chora da Sorte os desfavores,
Sem que em lagrimas ache desafogo.

O generoso coração inclina
Do teu, e nosso Tyrse, a que se dôa
Da mofina, e miserrima pobreza;

E qual Tyrse na Cithara divina
Teu lindo rosto angelico apregôa,
Cantarei de tua alma a gentileza.

Ao Senhor Theotonio Gomes de Carvalho,
Socio da Arcadia.

SONETO XXI.

ANte meus olhos anda Amor voando,
Não cruentos virotes espargindo;
Mas triste, e magoado o rosto lindo
Lagrimas cristallinas derramando:

Não ousado, e soberbo; humilde, e brando
Esmola pede a tenra mão abrindo:
Se lhe digo que espere; alegre, e rindo
Me vai mil esperanças amostrando.

Metto a mão na algibeira, acho só versos
De versos, me diz elle, quem se veste;
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem sei que os Fados tens achado adversos;
Mas pede a Theotonio que te empreste
Hum dobrão de seis mil e quatrocentos.

Aos Annos do Senhor Theotonio Gomes de Carvalho.

SONETO XXII.

SAlve formoso Dia, alegre Dia!
Que os olhos viste abrir a Tyrse amado;
Sempre sejas feliz, abençoado,
Cheio de gloria, cheio de alegria.

A luz, que tuas horas alumia,
Mil vezes torne ao Téjo prateado;
E o rôxo Sol no carro seu dourado,
Atropelle os Frizões da Noite fria.

Formoso alegre Dia; pois nos déste
Hum limpo coração, amparo, abrigo
Da espantosa, miserrima pobresa!

Que dadiva do Ceo não nos trouxeste!
Ah! que hum amigo, e na desgraça amig
Não o póde fazer a Natureza.

Aos Annos do mesmo Senhor.

SONETO XXIII.

NÃo te direi que as Graças, q' os Amores
Com suave prazer, doce alegria,
Salvando, caro Tyrse, o teu bom dia,
Grinaldas tecem de mimosas flores.

Não te direi, q' as Ninfas, q' os Pastores
Atroando a fragosa serrania,
Com singela, campestre melodia,
Cantão os annos teus, os teus louvores.

Com vozes mais sonoras, e pungentes,
Na choça estão de Corydon cantando
A triste Mãi, os filhos innocentes:

Não ao som de aureas Lyras modulando;
Mas com devotas lagrimas ardentes
Pela vida de Tyrse ao Ceo clamando.

Ao mesmo Senhor.

SONETO XXIV.

NÃo louves, caro Tyrse, a rouca Ly
Do rude Corydon, triste forçado;
Que á toste da Galé afferrolhado,
Se deseja cantar, chora, e suspira.

O lasso pensamento nunca tira
Do duro remo, do grilhão pezado;
Se se lembra do seu antigo estado,
Attonito, e frenetico delira.

O mar a cada instante lhe a presenta
Tragicas scenas de futuras mágoas,
Mergulhando entre as ondas a Esperança:

E só tu, qual Santelmo na tormenta
Sereno torna o furor das aguas,
Lhe dás alegres mostras debonança.

SONETO XXV.

Cor. FAze versos, meu Tyrse; a linda Clara
Teus versos quer ouvir, teu doce canto.
Tyr. Mas que versos farei, que possão tanto,
Que branda torne minha sorte avara?

Cor. A luz dos olhos seus formosa, e clara
Foi quem n' alma te deo fatal quebranto.
Tyr. São o doce veneno, são o encanto,
Com que Amor as cadeias me prepara.

Cor. Teus ais magoados, teus fieis ardores
Poderão a brandar tanta dureza:
Suspira, que bem ouve os teus clamores.

Tyr. Se suspiros abrandão a belleza,
Brandos espero ver, cheios de amores,
Os olhos, em que vive esta alma preza.

Ao P. Francisco José Freire, mandando-lh
pedir tabaco Hespanhol.

SONETO XXVI.

QUaes as portas de Jano afferrolhada
Onde preza mugia a Guerra dura,
O entupido nariz o embate atura
Do teimoso vaivem das más pitadas.

As pretas sobrancelhas carregadas,
Com torvo gésto, fêa catadura,
Sorvo, e torno a sorver; e a mão já fura
Em vez de abrir as ventas desfloradas.

De balde o marrafáo empurro, e meto
Alojado na brexa o mormo grosso,
Com hum rodeiro malho atocha o taco.

O remedio será corno, ou espeto,
Se me não mandas já por esse môço
Do macio Hespanhol louro tabacó.

SONETO XXVII.

N'Uma Galé Mourisca afferrolhado,
o som do rouco vento, que zunia,
obre o remo cruzando as mãos dormia,
) lasso Corydon pobre forçado.

Em agradaveis sonhos engolfado,
'uidava o triste, que o grilhão rompia,
que entre as ondas Lilia branda via
'alhar c'o branco peito o mar salgado:

De vella, e de abraçalla cobiçoso
stremeceo, tentando levantar-se,
os fuzís da cadêa retinirão:

Acordou ao motim; e pezaroso,
)uerendo á rude chusma lamentar-se,
ó mil suspiros, só mil ais lhe ouvirão,

A' Calva do Padre Antonio Delfim, amigo do Author.

SONETO XXVIII.

ERa alta a noite, a Lua prateada
Já no sereno Ceo resplandecia;
E a corrente do Tejo parecia,
De ferventes estrellas marchetada.

Então Canidia bella, destoucada
Descalço o lindo pé, filtros urdia,
Em torno de huma loisa, que se abria
De medonhos Espectros rodeada.

Regougavão no cume dos outeiros
Esfaimadas Raposas; na Floresta
Lhe respondião Môchos agoureiros.

Brama Canidia; e ós Lémures ligeiros
Unhar mandou do bom Delfim na testa
De finado cabello alguns milheiros.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXIX.

FOi-se embora o Delfim! Como ficamos?
h tyranno Delfim, que nos deixaste!
omtigo o prazer nosso nos levaste,
or ti afflictos sem cessar chamamos.

Em vão cançadas lagrimas choramos:
esta pobre choupana te enfadaste?
epois que a nossos olhos te negaste,
em comemos, nem rimos, nem dançamos.

Escura nos parece a luz do dia!
a triste noite os fúnebres horrores
ıda fazem maior nossa agonia!

Tudo se nos mudou em dissabores!
gua fervendo pára nós he fria,
Chá de tres mil reis, he Chá de dores.

A' Calva do mesmo.

SONETO XXX.

AO pellado Eliseu a rapazia
(Enxâme de formigas inquietas)
Com apupos batendo-lhe palmetas :
Ergue-te , ó calvo , em chusma lhe dizia.

O pobre com a capa se cobria ;
E deitando a correr , as çapatetas
No calcanhar tangião castanhetas ,
Cujo som pelas ruas retinia.

Assim , créca Eliseu , Delfim Antonio ,
Fugiste de entre nós a passapello ?
Parece que foi couza do Demonio !

De cada vez te falta mais cabello ,
Clerigo calvo , he Clerigo bolonio ;
Mas ainda assim , tomáramos nós vello.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXI.

NÃo se paga de versos a saudade,
Nem de relva se farta o manso gado;
campo, que do gêlo foi crestado,
ão torna a rebentar co'a tempestade.

Se queres que te creião, se he verdade,
ue este Cirio te deve algum cuidado,
ão estejas em casa encoquinhado:
oge, foge da misera Cidade.

Estes campos te esperão com mil flores;
Fonte-santa seus crystaes desata;
m ti o nosso pranto se não sécca:

Desprezas o agazalho de Pastores?
is se de apparecer aqui não trata,
zemos-lhe sequestro na Rebeca.

Ao fogo de hum monte de tojo em Alcantar
alludindo á Calva do Padre Delfim.

SONETO XXXI.

POr entre crespas cerras de enrolad
Negro fumo, o claráõ se despargia
De hum incendio voraz, que á vista ard
Do Dono da fogueira descórado.

Soavão crebros golpes do machado,
Com que a Mestrança intrépida batia:
A pezada calceta retinnia
Estava immenso povo embasbacado.

Achicavão as bombas sequiosas:
Marcha em fileiras a guerreira gente:
Nunca no Ceo se vio Lua tão alva!

Co' reflexo das chammas luminosas,
Brilha do Téjo a tumida corrente;
Qual brilha do Delfim ao Sol a calva.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXIII.

QUem vio o P. Antonio? hum Clerigo alvo,
lhos azues, as faces mui rosadas,
astanhas as melenas estiradas,
na burnida testa hum pouco calvo?

Quem mo trouxer aqui a são e salvo,
erto, não perderá suas passadas:
a verdade, que ha horas minguadas!
deixei-o fugir? sou hum papalvo!

Vai tu, Manoel, pergunta a toda a gente,
e conhecem hum Padre rabugento,
ue gosta de viver alegremente?

Anda, rapaz, ligeiro como hum vento;
ai prêgar hum escrito a São Vicente,
põe outro na rua de São Bento.

A' Calva do mesmo.

SONETO XXXIV.

COm a mão na rabiça, e co' aguilhada
O colono Villão os bois picando,
Abre o comprido rego, a terra arando,
Que quer de louro trigo semeada.

Depois de grossas chuvas orvalhada,
Rebenta, a verde cana levantando;
E no quente Verão, do vento brando
Sussurra levemente meneada.

Então os encalmados segadores
Lanção por terra os esquadrões viçosos;
Da carnagem cruel nenhum se salva:

Assim andão Demonios malfeitores,
Ceifando nas cabeças de tinhosos;
Assim Delfim a tua se fez calva.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXV.

M.el APpareceo o Padre Antonio; estava
Escondido n' um cóvo de gallinhas;
Para caber metteo-se de gatinhas,
E nem que pinto fôra assim piava.

Eu. Quem? o Padre Antonio, que tocava
Diversos minuetes, e modinhas,
Cuja calva em funções de Ladainhas
Entre cinzentas crôas alvejava?

M.el Esse mesmo. *Eu.* Quem fez tão bom achado
M.el Certo atravessador, que mui contente,
Entre capões o tinha pendurado;

Mas vio, que lhe dizia toda a gente:
Como está manso pelos pés atado;
Se o soltarem, vai dar a São Vicente.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXVI.

TAmbem me lembra a mim, que já tiv*es*
Mais cabello na calva luzidia;
E me lembro tambem, de q' algum dia
De vir comnosco estar gôsto fizeste;

Nem me esqueço de quando nos tanges*t*
(Por signal que cigarra parecia)
A rebeca, que a todos aturdia
Até que coutadinho endoudeceste.

Desgraçado Delfim! Eras bom homem.
O mofino do moço deo-te olhado,
Foi o mesmo que ver-te Lobishomem:

Agora andas cumprindo com teu fado;
Só gostas de comer o que elles comem,
Depois de digerido, e transmutado.

A' Calva do Padre Delfim.

SONETO XXXVII.

POr Cerastes, e Górgonas lançada,
Do mirrado Cassinni a sombra fria,
Passa do lago Averno a gritaria
Sobre as azas da Noite reclinada.

Das veneraveis Deosas avexada
Teme não rompa sedo o claro dia;
E acossada dos cães freme, assovia,
Tremendo a terra toda de assustada.

Silvando vaga assim de rua em rua,
E ao som medonho da infernal calceta
Subito quebra o somno mais profundo:

Vem buscar do Delfim a calva nua
Para traçar o giro de hum Cometa,
Que ha de crestar a grenha a todo Mundo.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXVIII.

INda a vermelha Aurora somnolenta,
Os olhos esfregando, mal abria
A dourada Manhã, e a luz do dia
No Téjo se encostava macilenta.

Das nuvens o theatro representa,
Iris formosa, que fugir se via
Do socegado mar da Trafaria,
Triste sinal da proxima tormenta.

Quando tres, quatro, seis, e oito vezes
O inquieto Delfim por mim chamava,
Os lombos despegando-me do leito,

Fallou, tocio, tocou, e em taes revezes,
Quando cuidei que socegado estava,
Fez-me os versos fazer, que tenho feito.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXIX.

QUal saudosa Mãi, que da ribeira
Bradando afflicta, em lagrimas banhada
Co' amado Filho, de quem era amada,
Vê da praia fugir a não ligeira.

Tal nossa saudade verdadeira
De te não ver aqui desesperada,
Sente que da afflicção a alma cançada
Está chegada á hora derradeira!

Tristes, mudos, afflictos, e chorosos
Huns para os outros, nem se quer olhamos;
Que longos são os dias invernosos!

E se ás vezes as trombas levantamos,
Pelo Padre Delfim, delle saudosos
Huns aos outros a medo perguntamos.

Ao Padre Delfim.

SONETO XL.

Q' He delle o Cabeção do P. Antonio
Onde tem o chapeo, mais a bengalla ?
Francisca, vê se podes apanhalla ;
Fugir-nos se intentava ; era bolonio.

Ora anda, rapariga do Demonio ;
Espera, escuta, se resona, ou falla :
Acordaste-lo? Valha-te huma balla ;
Pois perdeo duas Missas Santo Antonio.

Deos te salve, Delfim, muito bons dias
Queres Chá, ou Café? A Misses Rosa
Tem ordem de fazer-nos as fatias ;

Quanto esta manhã fresca he deliciosa,
Quanto de Inverno são as noites frias,
Para nós tua vista he saborosa.

Ao Padre Delfim.

SONETO XLI.

AMigo Padre Antonio, a Fonte-santa
Sem ti não vale nada: descontentes
Convidados, amigos, e parentes,
A todos má tristeza nos quebranta.

A mim, pobre de mim! já me ataranta
Ouvir súpplicas tão impertinentes:
Huns dizem, que virás; outros, que mentes,
Que deixaste o bordão, que tezo canta:

Ora vem, bom Delfim, verás louraças,
Magotes, e magotes de mulheres,
Humas assim assim, outras caraças:

Sége te mandarei, se sége queres;
Não te peço senão, que agora faças,
O que fizeste já n' outros Prazeres.

Ao Padre Delfim.

SONETO XLII.

AMigo, fallo sério, saudosos
Pelo nosso Delfim todos chamamos,
A's portas, e janellas perguntamos,
Que feito foi de ti, de ti queixosos.

Sempre os olhos trazemos lagrimosos,
E crestados do pranto que choramos:
A's mangas sem cessar nos assoamos,
De cada vez nos vemos mais ranhosos.

Não desprezes, Delfim, o amor ardente
De teus velhos amigos, coutadinhos,
Que sem ti Sol não achão, que os aquente.

Quaes píão pela Mãi os pintainhos,
Assim chama por ti toda esta gente,
Parentes, convidados, e vizinhos.

SONETO XLIII.

Na solitoria praia a ruiva arêa
Com a luz da manhã resplandecia;
De inquietas estrellas se cobria
O fundo pégo, que sonoro ondêa.

De branca espuma na cerulea vêa
O gado de Proteu sulcos abria;
Glauco da barca as redes desprendia,
O lanço consagrando a Galatêa.

Mas suspendeo as Chinxas assustado,
Vendo boiar do Téjo n'agua pura
O coral rôxo, o Mûrice dourado.

Ouve huma voz bradando: ,, Quem procura
,, Porfanar este dia consagrado
,, Da engraçada Corina á formosura?

Aos Annos da Senhora D. Maria Eufrasia.

SONETO XLIV.

PIzando mil estrellas radiantes
As celestes Virtudes vem descendo,
Com as candidas mãos crôas tecendo
De louro não, de immensos Soes brilhantes:

Em sonora cadeia de diamantes
O Tempo voador estão prendendo;
A' longa eternidade obedecendo
Quietos os aligeros Instantes.

Do fulvo Téjo as Ninfas q' admirárão
A luz, que pelas aguas se estendia,
Humas ás outras com prazer lembrárão,

Que as eternas Virtudes neste dia
Para habitar, dos altos Ceos baixárão,
No coração heroico de Maria.

SONETO XLV.

HOntem se foi daqui Nize formosa,
Nize nosso prazer, nossa alegria:
Tornou-se em fêa noite o claro dia;
Cubrio-se o Sol de sombra pavorosa.

Até a clara fonte saudosa
Inconsolaveis lagrimas vertia:
E a tarde, que mil ditas promettia,
Oh quão triste nos foi, quão amargosa!

Neste espanto fatal hum desgraçado,
Que por Nize em amor todo se inflãma,
De Nize tão cruel assim se queixa:

Se o Mundo todo fica tão mudado,
Quando foges de quem em vão te chama,
Ou não vás, ou teus olhos cá nos deixa.

Aos Annos da Senhora D. Camilla.

SONETO XLVI.

DOze vezes o Sol com seus fulgores
De teus annos dourou, Camilla, o Dia;
E doze vezes cheios de alegria
Empennárão as settas os Amores.

Croada a Primavera de mil flores,
Pelos campos aromas espargia:
O mesmo Ceo de estrellas se cobria:
Brilhavão da Virtude os resplandores.

Jazem na fresca relva os armentíos;
E os Pastores tocando nas avenas,
Modulão o teu claro nascimento:

Murmurão brandamente os alvos rios;
Correm sonoras fontes mais serenas:
Tudo respira em fim contentamento.

A huma Senhora, a quem o Author chamava sua Mãi.

SONETO XLVII.

COmigo minha Mãi brincando hum dia,
A namorar c'os olhos me ensinava;
Mas Amor, que em seus olhos me esperava,
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria,
Porque incapaz do ensino me julgava;
Porém tanto a lição me aproveitava,
Que suspirar por ella já sabia.

Em poucas horas aprendi a amalla:
Ditoso se tal arte não soubera,
Não me custara a vida não logralla.

Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não soubera agora desejalla,
Nem de tão louco amor enlouquecêra.

A Jeronymo Henriques de Sequeira.

SONETO XLVIII.

DOutor Henriques, o Garção doente
Vai-se achando peor, a febre atura;
A face cada vez está mais dura,
Tratando mal de mim toda esta gente:

Cuido que vejo a fouce reluzente
Na descarnada mão da Morte escura
Ante os olhos girar, e a má figura
Bem certa de vencer, mostrar-me o dente.

Hum bando de atrocissimos peccados
Rezenha estão fazendo em outra parte,
Terço de Tabareos mal encarados:

Que poderei fazer senão chamar-te?
Teu nome, se me livras de cuidados,
Cantando espalharei por toda a parte.

SONETO XLIX.

TRes vezes vi, Marilia, de alva Lua
Cheio de luz o rosto prateado,
Sem que dourasse o campo matizado
A linda aurora da presença tua.

Então sobindo á serra calva, e núa,
De hum ingreme rochedo pendurado,
Os olhos alongando pelo prado,
Chamava, mas em vão, a Morte crua.

Alli commigo vinhão ter Pastores,
Que meus suspiros férvidos ouvião,
Cortados do alarido dos clamores:

Tanto que a causa de meu mal sabião,
Julgando sem remedio minhas dores,
Por não poder-me consolar, fugião.

SONETO L.

LAcaios, Mulher, filhos, e criadas
Todas clamando estão pelas fogueiras,
Quaes gritão marafonas regateiras,
Pela taxa, ou tributo alvoroçadas.

O cotão sacudindo, despejadas
Lhe mostro sem pataca as algibeiras;
Ellas, que são ladinas, e matreiras,
Trazem papel, e pennas aparadas.

Que te escreva me pedem, que te peç
Para cabeças, ou barrís dinheiro;
Que o Luiz irá lá a toda a pressa.

Que remedio! Despacho hum caminheiro,
Pois temo, que me queimem a cabeça,
Ou me ponhão por masto no terreiro.

SONETO LI.

JÁ de trás do casal vem resurgindo
O Pedro, e Fr. Joaquim; eis que da Fonte
Rebenta o bom Mardél no preto Etonte,
E co' chapéo na mão se vem já rindo.

Na janella apparece o rosto lindo,
Que não he justo, amigo, que te conte;
Saltão os dous a terra alli defronte;
As raparigas vão de cá sahindo.

Jaz Francisco Raymundo de barrete
Em trages de Confucio, ou de Mafoma,
Os gentís olhos baixa Aonia santa.

O Pedro corre a mão pelo topéte,
Depois de cochichar o Chá se tóma:
Eis-aqui o *Long Room* da Fonte-santa.

SONETO LII.

INda que abrindo a boca o Mar irado,
Os dentes mostre em borbotões de espuma
Ou nos abysmos rapido se suma;
Ou caia das estrellas despenhado:

Inda que o Oceanno denodado,
Co' grão Tridente dardejar presuma;
E que o misero corpo me consuma,
De ceruleos Delfins atassalhado:

Inda que Europa, com fragor estranho,
Sumergindo-se seja a campa minha,
Servindo-me os Antipodas de lastro:

Qual impavido Seneca no banho
Com os dedos fazendo tisourinha,
Repetirei a historia de Alencastro.

SONETO LIII.

SE como tu, Amor, mandas, e queres
Que admire de Tyrcea a formosura,
Igual á que me abraza chamma pura
Em seu peito invencivel accenderes:

Se em seus divinos olhos tu pudéres
Claros signaes mostrar-me de ternura;
Se em vez de ingrata ser, e ser tão dura,
Que benigna me attenda, em fim venceres:

Então direi, Amor, que és poderoso,
Que te he devida nossa idolatria,
E que pódes fazer-me venturoso:

Mas receio que Tyrcea ingrata, impía
Cedendo a meu destino rigoroso,
Destes suspiros faça zombaria.

Ao Terremoto do primeiro de Novembro de 1755.

SONETO LIV.

A Fortunado Eneas, que sahiste
Da destruida Troia, carregado
Com o pezo feliz do Pai amado;
E assim as leis do sangue bem cumpriste.

Tambem nessa piedade resististe
Ao direito fatal do injusto Fado:
Se viste o patrio ninho destroçado,
Salvo, quem te deo ser, ditoso viste.

Os Penates, os Socios transportaste
Ao Lacio porto, aonde achaste abrigo,
Onde hum novo Paladio collocaste.

Eu provei mais cruél Fado inimigo:
A Patria vi arder: Tu a salvaste;
Mas eu perdi o Pai, perdi o Amigo.

A sua Mulher a Senhora D. Maria Anna Xavier de Sande e Salema.

SONETO LV.

AO som dos duros ferros, que arrastava,
A Lyra de ouro Coridon tangia,
De Marcia o doce nome repetia;
Mas no meio do canto soluçava.

No rosto macerado, que enfiava,
O lagrimoso pranto reluzia:
E nos olhos, que aos altos Ceos erguia,
O pensamento intrepido voava.

Não se assombra de ventos insoffridos,
Nem com ousado lenho arar intenta
O Pólo do futuro nebuloso:

Menos chora terrenos bens perdidos:
De pouco hum peito grande se contenta:
Antes quer ser honrado, que ditoso.

SONETO LVI.

ÇUjos Brontes estão arregaçados
Batendo o rubro ferro, e retinindo
Os rijos malhos, vão ao ar subindo
Estellantes coriscos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados
Apparecem mil Elmos reluzindo;
Na forja a labareda está zunindo,
Impellida dos folles engelhados:

Crystallino suór alaga a testa
Do côxo mestre; a calma da officina
A' fresca Viração as azas cresta.

Forjavão huma setta colubrina;
Eis entra Amor, e diz-lhe que não presta
A' vista dos bons olhos de Corina.

A' Morte de Felis Coutinho.

SONETO LVII.

ESpirito gentil do Esposo amado,
Que sobre as azas de Virtudes santas,
Muito assima dos astros te levantas
Do miserrimo corpo desatado:

Ante o solio de estrellas recamado,
Já do grande Adonai o Nome cantas:
E do perpétuo dia não te espantas,
Que a nossos mortaes olhos he vedado.

Se o purpúreo semblante a nós volvendo,
(Nova Constellação resplandecente)
A terra, lá do Ceo, inda estás vendo;

Não te canses de nosso amor ardente,
Que este pranto, que vês estar correndo,
Que viva cá sem ti, me não consente.

los Fidalgos, que protegião o Theatro do Bairro Alto.

ODE PINDARICA I.

STROFE.

NÃo Arabico incenso, ouro luzente,
Nem pérolas do Ganges,
Não tenho que offrecer-vos reverente,
Malhas, arnezes, punicos alfanges;
Mas soberbas Phalanges
De almos Hymnos Dirceos, q'immortaes tecem
Mil croas á Virtude, me obedecem.

ANTISTROFE.

uja o profano Vulgo, qual nos montes
O rebanho medroso,
Quando vê fuzilar nos horizontes
O farpado corisco pavorozo,
Ouve o trovão ruidoso,

Correndo pelo valle se derrama,
E em seu balido o Pegureiro chama.

EPODO.

Nos mansos ares vejo
Já sobre as azas lucidas pezados
Meus fogosos Etontes, que banhados
No doce, flavo Téjo
Os freios de diamantes mastigavão,
Quando as Ninfas de rosas os croavão.

STROFE.

Esta, que afino Chitara famosa,
Deo-ma o Cysne do Ismeno,
Cujo canto em Elia victoriosa
Foi sempre ás Musas mais, q'o Pindo ame
Com semblante sereno
A mão nas aureas cordas me firmava,
E ás Argivas Canções me acostumava.

ANTISTROFE.

Assim digno me fez do levantado
Assumpto magestoso,
A quem hoje me inspira a luz do Fado,
Que em meus versos lhe erija altar glorioso:
Brame o Tempo invejoso,
A fouce morda, e ameace dãnos;
Mas meus versos dominão sobre os annos.

EPODO.

Canto a illustre, e clara
Descendencia de Heroes, que a Lusa terra,
Ou na dourada Paz, ou dura Guerra
Fizerão mais preclara:
Cuja fama em relampagos diffuza,
Ainda fulmina os campos de Ampeluza.

STROFE.

O herocio, e real sangue vos infláma,
Que regou derramado,

Louros, e palmas, que cultiva a Fama
Nos espantosos montes do Salado.
O barbaro espantado
Deixa, fugindo á ultima ruina,
Arrazada de luas a campina.

ANTISTROFE.

Que eterna gloria! Immensa luz scintilla
Nas aras da Memoria!
Alli Farrobo vejo, e vejo Arzila,
Destroçados despojos da victoria!
Da Lusitana Gloria
Escravas gemem, mostrão de horror cheias
Ceuta, Larache, e Tangere, as cadeias.

EPODO.

Para surgir no Oriente,
Do patrio ninho impavida fugindo
Está sonoras vélas desferindo
A brava Lusa gente.

Arando o Gama vai, sem temer Juno,
Os inhospitos campos de Neptuno.

STROFE.

De Albuquerques, Almeidas, Castro forte,
Que feitos não pregôa
A honrosa tradição, que espanta a Morte,
Q'além dos tempos derradeiros vôa!
Asia respeita em Gôa
O nome Portuguez, luzes divinas,
Que humilde adora nas sagradas Quinas.

ANTISTROFE.

De tão honrados inclytos maiores,
Vós, Netos generosos,
Do fado das batalhas sois senhores:
Illustres cavalleiros victoriosos,
Espiritos briosos
Vos inspira o ardor que vos inflamma,
Té o grão Templo conquistar da Fama.

EPODO.

Mas já do batel pobre
Sinto a quilha gemer; o debil lado
Dos ventos, e das ondas açoutado
De alva espuma se cobre:
Remos não tem, não tem faroes que o rejã
De balde as vélas contra o mar forcejão

STROFE.

Tempo, tempo virá que as desprezadas
Musas do patrio Téjo,
Por vossas mãos benignas levantadas
No porto vão surgir, q' inda não vejo:
Então, então sem pejo
Em grave scena adereçando a Historia
Mostrarão quanto póde o amor da glori

ANTISTROFE.

Calçando o humilde Socco, ao feio Vicio
A mascara rasgada,
Hão-de ensinar no Comico Exercicio,
Como Verdade do alto Ceo mandada,
De rosas coroada
Sans máximas dictando ao povo rude
Espalhe os claros raios da Virtude.

EPODO.

O jugo vergonhoso,
Os cepos, em que jazem prizioneiras,
Como escrávas das Musas estrangeiras,
Com animo brioso
Desejão sacudir: serão louvadas,
Dignas então de vós, por vós honradas.

A' Senhora D. Maria Joaquina de Gusmã
e Vasconcellos.

ODE II.

PEleijei, peleijei (e não sem gloria)
Nas barbaras, indomitas Phalanges
Do forte domador de humanos peitos,
Insano Amor potente.

A triunfal carroça acompanhando,
Angelicos cabellos ennastrados
Com Mirto, e rosa; de córado pejo
Os alvos rostos tintos:

Mil garridas, mil candidas Licores
Vencedor me jurárão, me rendêrão
Do rizo, e do prazer no Capitolio
Humilde vassallagem.

[M]as o tempo voôu; agora manda
A nevada Prudencia, que amainando
As vélas enfunadas, surja o lenho
Em socegado porto.

[L]arguemos pois altivos ardimentos,
Os soberbos Troféos. Eia larguemos
Arrastadas bandeiras, rotas armas,
Iliacas escravas.

[A]qui neste despido freixo annoso
Fique a sonora Lyra pendurada,
Qual no Templo suspende o naufragante
Os humidos vestidos.

[P]ara ser mais solemne o sacrificio
Em vergonhoso Cadafalso queime
Arrependida mão Odes, Sonetos;
Espalhe o vento as cinzas.

Ondada crepitante labareda,
Entre serras de fumo lance aos ares
O solto spirito de meus versos tristes,
Q'em raio se converta.

Com medonho estridor desça inflammado,
Os fragosos outeiros abalando;
Assombre o peito de Marilia ingrata,
Da perfida Marilia.

Sendo convidado o Author para assistir a hum pouco de Ponche, que se havia de fazer no outro dia; elle quando veio trouxe esta Ode. A Lydia com que falla, he a do Soneto XII. e a Marilia, a do Soneto II.

ODE III.

POis torna o frio Inverno, sacodindo
Das estridentes azas gelo agudo,
As retalhadas mãos, a mavel Lydia,
Aqueçamos ao fogo.

Em quanto pelos montes, que branquejão,
As crystallinas cans d' annosos troncos
Com os raios do Sol estão brilhando,
Quaes brilhão de Marilia,

Da travêssa Marilia, os ledos olhos,
A' chaminé hum pouco nos sentemos:
Já silvando entre ondadas labaredas
A secca lenha estála.

Conversemos, bebamos, murmuremos:
Comtigo as Graças vem, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume seccão
As orvalhadas pennas.

Os froxos arcos bocejando largão,
E nas crueis aljavas reclinados,
Porque vélão de noite, somnolentos,
(Coitados!) adormecem.

Ferve o cheiroso Ponche, que desterra
A pezada tristeza, os vãos temores,
Que deixa voar solto o pensamento
Nas azas da Alegria.

eluzindo na meza os cristaes limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos:
Ora bebamos, Lydia; deixa aos Astros
O governo dos Orbes.

ão queiras triste penetrar a densa
Caliginosa nevoa do futuro:
Não percas hum instante de teus dias;
Olha, que o tempo vôa!

ão com elle nossas esperanças,
Castellos sobre nuvens levantados!
A mais pomposa Scena da Fortuna
D' improviso se troca!

enas vi raiar hum doce rizo,
No angelico semblante de Marilia,
Dos olhos me fugio o lindo gesto
Que os olhos me levava.

Qual sonhado thesouro em negra cinza,
Se tornou todo o meu contentamento:
Ah, Marilia cruel! que te custava
Trazer-me neste engano?

Voai, feri, Amores, essa ingrata;
Fazei-a suspirar por quem lhe fuja:
Prove tormento igual a meu tormento:
Em vão, em vão se queixe.

Perdoa, Lidia, se blasfemo, e grito,
Que Ponche tambem faz dizer verdades:
He Marilia formosa; mas ingrata....
Creio que o tempo muda.

A' Virtude.

ODE IV.

LIgado com asperrimas algemas
Ao rigido penedo;
Com hum agudo cravo de diamante
O peito traspassado;
Convulso o rosto, e tinto em negro sangue,
Que brota da ferida;
As sonoras pancadas do martello,
Com que bate Vulcano,
Nas cavernas do Caucaso retumbão:
Porém constante, e forte
Não geme Prometheo; antes accusa
A Jupiter de ingrato:
nnocente se julga; á força impía
Não cede do Tyranno.

Assim, assim a misera pobreza,
A contraria fortuna
Deve immovel soffrer huma alma grande,
Oh Sousa esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
Co' desabrido Alcaide;
Dorme no duro chão tão descançado,
Como no leito brando,
O intrepido Varão, que do destino
Próva os fataes revezes.
Co' a dourada Carroça o molle Eunucho
O pize, ou atropelle,
Não lhe inveja a riqueza. Que outrem lavre
Nas ribeiras do Téjo
C' os malhados bezerros longa terra,
Não lhe acorda a cobiça.
Vente embora do Sul; cahindo açoite
Ao negro mar que brada,

O pluvial Arcturo; a vara creste
Do podado bacelo
Espessa chuva de arida saraiva,
Nada lhe abala o peito.
Enroscada no braço macilento
A venenosa Serpe
Chegue ao seio cruel a triste Inveja;
E a perfida Mentira
Co' os titubantes beiços o crimine,
Rirá no cadafalso.
Só dos delictos póde o vil remorso
Mudar-lhe a côr serena
Do tranquillo semblante. A mão potente
De quem o fez, só teme.
Os homens não recea, que a Virtude
O coração lhe anima,
E a consciencia sã, a fé intacta,
Os austeros costumes.

Não fantasticas honras isto ensinão.
Assim dourão a morte
Os Uticenses, Regulos, os Marios,
A pezar do sepulcro.
Sobre ás azas do Tempo assim passárão
As Lethargicas ondas
Do rio somnolento. Assim croado
De Gangeticas palmas,
O destemido Castro n' alta serra,
Que Templo foi de Cinthia,
Retirado vivia: a mão invicta,
Gloria, e terror da Asia,
Os silvestres arbustos cultivava,
Subjugando a vaidade.
Passe á Gineta o timido guerreiro,
Que com as armas limpas
Da batalha fugio espavorido;
Porque do sangue antigo

A arvore apresenta. Ainda que honrado,
O desvalido mostre
As rôxas cicatrizes das feridas,
Que soffreo pela Patria,
Dizia o grande Castro. O Lizongeiro
Estudando o segredo
De agradecer desprezos, não se affaste
Da salla do Ministro.
Alli dourando o Sol os altos montes
Na madrugada veja;
Alli o deixe a Lua, que vermelha
No horizonte mettida,
Estende os froxos raios pelas ondas;
Se com pública fraude
Ao misaravel Orfão a capella
Subnegar-lhe pertende.
Aspire á Béca o julgador iniquo,
Q'aos olhos da Justiça

Roubou a santa venda, que equilibra
Nas vendidas balanças
Os dourados delictos. Soffra, e busque
A vergonhosa Scena
Da subita catastrofe o Privado,
Que o rosto não conhece
Da Clara Fama, da immortal Memoria,
Da Honra, e da Virtude.
Mas qual Marpezia rocha, hum peiro forte
Não roga, não se abate.

A' Virtude.

ODE V.

O Constante Varão, que justo, e firme
Da difficil Virtude segue os passos,
O pezado semblante do Tyranno
Não teme, não estranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;
Ouça afiar na pedra o curvo alfange;
Soffra no potro asperrima tortura;
Não perde a cor do rosto.

Em severos costumes ensaiado
Préza mais a innocencia, do que a vida,
Fiel á Patria, ao Principe, aos amigos,
Acaba como vive.

Com pavoroso estrondo se desatem
  Em vermelhos coriscos as estrellas;
  Brote Volcões a terra; da ruina
    Impavido não foge.

Assim Mário subio ao Capitolio,
  Entre Aguias, e Lictores conduzido,
  Com aspecto sereno; ainda que atadas
    As rôxas mãos em ferros.

Na presença de Cesar, e Conscriptos
  Fui, disse, fui fiel a Galba, e a Roma;
  Confesso o meu dilicto, se delicto
    A' Virtude se chama.

As legiões Romanas testemunhas
  Poderáõ ser: Vós, Consules, Tribunos
  A verdade dizei. Dizei se Mario
    Foi amigo de Galba?

Patricios, e Soldados do divino
Julio, ás aras jurem se me vírão
Sempre ao seu lado. Alli, alli Camurio
Alçou a mão traidora.

Eu vi o triste Velho descorado
A garganta offrecer ao duro golpe;
E indo da Patria o nome repetindo
A grande Alma fugir-lhe.

Oh Cesar! aqui tens de Mário Celso
O crime, e a confissão: Romanos, Mário
Foi a Galba fiel! Vamos aonde
Está o Cadafalso.

Acabou de fallar: Consules, Padres
Attonitos ficárão; porém Cesar
De tão rara constancia namorado
Nos braços o recebe.

Ao Senhor Manoel Pereira de Faria, Soci[o] da Arcadia.

ODE SAPHICA VI.

VÊ, Silvio, como sacodindo o Inverno
As negras azas, sólta a grossa chuva!
Cobre os outeiros das erguidas serras
Humida nevoa.

Na longa costa brada o mar irado
Sobre os cachopos; borbotões de espuma
Erguem as ondas; as crueis cabeças
N'agoa negrejão.

O frio Noto, rigido soprando
Dobra os ulmeiros, os curraes derruba;
E o gado junto, pavido balando
Une os focinhos.

Com duro frio Coridon tremendo,
A rôxa face no çurrão esconde;
C'os altos soccos quebra a preza neve,
Corre á cabana.

Alli ajunta de podadas vides
Os seccos mólhos: assoprando accende
Pobre fogueira, aonde as mãos aquenta
C'os rotos filhos.

Pulão nos olhos lagrimas, que enxuga
Na grossa manga, reprimindo forte
Arcebas dores, reflexões pezadas,
Tristes memorias!

Eis que zunindo furacões horriveis,
A porta arrancão dos moidos gonzos:
Corre assustado d'um fuzil q'o cega
A' luz vermelha!

Vio espalhadas viboras de fogo ;
Ouvio bramando, retumbar no vale
Os longos écos do Trovão, que abala
Os altos montes!

Vê-se partida do voraz corisco
A rica proa de hum Baixel Britanno ;
Não lhe valendo cem canhões soberbos,
Que Nantes teme.

Rotas tremulão as Reaes bandeiras ;
Rompem as ondas o infeliz costado :
Inutil pranto, tristes ais levanta
A lassa gente.

Agora, dize, quem seguro vive,
Amado Silvio, da cruel Fortuna,
Se as altas torres, se as humildes choças
A Morte piza?

Os aureos tectos, Doricas columnas,
Quadros antigos, marchetados leitos,
Servem de Espectros, Gorgonas, Cerastes,
Na fatal hora.

Ao Beato Bernardo, Marquez de Baden.

ODE SAPHICA VII.

O Varão justo, que, Senhor, invoca
Teu Nome Santo, no deserto monte
Faz, que rebente crystallina fonte
Da árida penha.

No fundo valle sua voz despenha
Qual molle cera, liquidos outeiros;
Sonoros ventos, horridos choveiros
Placido enfrêa.

Baden o diga, quando a nuvem fêa
Vermelho raio com furor rasgando,
Nos negro ares vio girar silvando
Trémula chamma.

Por ti, Bernardo, triste povo chama,
E o fulminado frio corpo exangue,
Da dura terra, tinto em rôxo sangue,
Eis se levanta.

Assim armado de virtude santa
Serenos tornas os infestos ares;
Assim dominas insofridos mares,
Avida morte.

Salve ſeu Nome do vibrado côrte
Desamparados miseros humanos,
Que do castigo merecidos dãnos
Palidos temem.

A S. Norberto, Bispo, e Confessor.

ODE VIII.

ESpiritos rebeldes, que as infensas
Aljavas fulminantes
Das fêas legiões de nuvens densas
Armais de accezas farpas crepitantes,
Fugi para as distantes
Incultas brenhas d' árido deserto,
Fugi do Nome Santo de Norberto.

Dos estellantes atrios desce armado
De medonhos rugidos
O Leão de Judá: no escudo alçado
Relampagos fuzilão despedidos
Dos arcos desferidos,
Que sobre Saulo attonito lançárão
Settas, que dentro n'alma lhe troárão.

Rota a nevoa mortal, que lhe encobria
O throno magestoso
Do Senhor das batalhas, que o seguia
(Astros trilhando o carro luminoso)
Conhece venturoso
A mão potente, a qual se toca os montes,
Abafa crespo fumo os horizontes.

Tu, Norberto, outro Saulo foste, quando
Intrepido, e valente
O rapido ginete arremeçando,
De improviso brandio a nuve ardente
Relampago estridente,
Que ao bruto, do trovão espavorido,
Deixou a poucas cinzas reduzido.

Cercada de pavor da alma constante
Se humilha a fortaleza ;
Vê scintillar o lúcido semblante,
Que adora consternada a Natureza,
Quando a vingança acceza
Leva os Cedros do Libano frondosos
Nas azas de coriscos espantosos.

Caliginosas trévas já rompia,
E ao claro Firmamento
De luz surcando pélagos, sobia
No regaço da Fé o pensamento,
Ouvindo o claro accento,
Com que lhe falla o Ceo : e o mar irado
Tremeo do som terrivel assustado.

Iovido pois de nosso ardente rôgo,
Desce, ó Norberto Santo,
Dissipa com teu Nome tanto fogo,
Ouve nossos clamores, nosso pranto;
E já que podes tanto,
Pede ao tremendo Deos, que enfreia os máres,
Que lance os máos espritos d'estes ares.

A Santo Thomaz de Aquino, Doutor, e Confessor.

ODE IX.

SE na eterna Sião, onde ditoso,
Em premio da victoria,
Te corôa o semblante luminoso,
O Sol de immensa gloria,
Thomaz inclyto Santo,
Voar a teus ouvidos nosso pranto,

Ao Mundo os olhos immortaes volvendo,
Attende a nossos dãnos:
Olha os ventos irados, revolvendo
Os negros Oceanos
De indomitas procellas,
Que soltão em coriscos as estrellas.

Qual sem Pastor o pavido Cordeiro,
Ouvindo ranger perto
Do cerval Lobo o dente carniceiro:
Assim do Inferno aberto
As fauces horrorosas
Vemos arder em nuvens tenebrosas.

code-nos, Thomaz; lembre-te quando
A mão Omnipotente,
No throno de mil raios fulminando
O gume refulgente
Da abrazadora espada,
Sobre ti viste com pavor alçada.

A candida Innocencia, a Fé constante
Nos braços te sustenta,
Em quanto ã rôxa flamma sibilante,
Que subito rebenta,
Em torno te girava,
E de fraterno sangue rociava.

Do fumo arando hum mar caliginoso
Os olhos mal abriste;
Espectaculo fêo, e lastimoso!
Da misera Irmã viste
Jazer despedaçados
Os palpitantes membros fulminados.

s azas do Senhor, que te cobrírão,
Que illeso te guardárão!
Não de luzente malha te vestírão,
Mas de poder te armárão
Para invicto valer-nos:
Pois chamamos por ti, vem defender-nos.

A Santo Ubaldo, Protector da Cidade de Eugubi
Bispo, e Confessor.

ODE ALCAICA X.

QUando o terrivel Deos dos exercitos,
Nas leves azas de Aquilões turbidos,
Sobre as altas Cidades
Manda a procella horrisona:

Se vingadora solta a mão rubida
As estridentes accezas viboras,
E se o fragor dos montes
Freme no fundo pélago:

Ubaldo Santo, com rogos férvidos
Os Eugubinos te invocão pávidos;
Cercando teus altares
Gemem, quaes Pombas timidas:

A soccorrellos vôas intrepido,
E da virtude no pavez rigido
Rota a farpada lança,
Foge co' vento rapido.

Assim te chama Protector inclyto
A Lusa gente; correm as lagrimas,
Qual matutino orvalho
Banha os frondosos Platanos.

Vem soccorrer-nos: no arido carcere
Os trovões prezos bramão indomitos;
Tornem dourados dias,
Movão-te nossas súpplicas.

Ao Senhor Manoel Pereira de Faria ;
Socio da Arcadia.

ODE ALCAICA XI.

SE já ouviste, Silvio magnanimo,
A minha pobre, rustica Cithara,
Poucos, mas novos versos,
Ouve com rosto placido.

Ouve ; que aos versos, famosos titulos
Devem Eneas, Deiphobo, e Priamo ;
Deve Ulysses prudente,
Deve Achilles indomito.

O Luso Gama nunca tão célebre
Fôra no Mundo, só porque impavido
Os máres não sulcados
Cortou c' os lenhos concavos ;

Camões, eterno com os Lusiadas
Pôde fazello, senão incognitos
Os Varões Portuguezes
Jazerião no tumulo.

Antes que as nossas, nos mares Indicos
O ferreo dente molhárão ancoras
De Quilhas Europeas,
Cobertas de outras flamulas:

Antes do Grego, d' outros exercitos
Burnidos Elmos vio brilhar Pérgamo:
Houve na Frigia Troia
Outro Aiax, outro Stenelo.

Nem só, Eliza, d' Eneas profugo
Tingindo a espada no sangue tepido,
Trocou a doce vida
Por huma infamia posthuma.

Nem só guizados os membros lividos
  Do caro filho, com rancor barbaro
    Ao lascivo marido,
    Progne ministrou pállida.

Em acções grandes d'almas intrepidas
  Forão, he certo, ferteis os Seculos;
    Mas o negro silencio
    Sepulta os nomes inclytos:

Negro silencio, que os olhos languidos
  Na vil Preguiça fitando timido
    A letargica lingua
    Corta c' os dentes avidos.

Cobre a Virtude co' as azas lubricas
  O veloz Tempo, logo que ao feretro
    Cede o passo a Lisonja,
    Rasgando a torpe mascara.

Com tardos passos calcando os tumulos
O Esquecimento, da mão esqualida
Sólta as confusas cinzas,
Que espalha o vento rapido.

Mas eu ingrato, Silvio magnanimo,
Soffrer podia, que o canto melico
Esquecido deixasse
O teu nome magnifico?

De huma alma grande costumes candidos,
Raras virtudes, genio pacifico,
Para serem eternos,
Não precisão de marmores:

Póde hum Poeta mais do que o Artifice,
Ou córte jaspe, ou côres liquidas
Largue o pincel no panno
Dos monumentos públicos.

Sempre com versos o furor Delfico
A nobre vida dos Varões inclytos
Livra do vil contacto
Das mãos cruentas d' Atropos.

Dos torpes vicios es censor rigido;
Tu os fulminas com olhos placidos,
E entre nuvens de fumo
Foge a tropa fanatica.

Da triste Inveja na testa pállida
Co' a forte planta pizas as viboras;
Bramindo, o negro Cirio
Quebra a Discordia attonita.

Das mãos cobardes o metal fulgido,
Larga a Cobiça: com grilhões asperos
Algemada a Soberba
Dobra o pescoço rispido.

De ti fugindo cahem no pélago,
Onde a Tristeza com pranto lugubre
Cercada de remorsos
Já mais enxuga as lagrimas.

Aos Annos do Coronel da Artilheria Frederic Weinholtz.

ODE XII.

COm suaves caricias, brando, humilde,
Qual he por natureza,
As tenras mãos erguendo, o rosto lindo
Em lagrimas banhado,
Ao rigoroso Tempo Amor pedia,
Que dos duros revézes
Do braço inexoravel preservasse;
Que de doces prazeres,
De glorias coroasse, e de venturas
Este ditoso Dia:
Ora em laços de Goivos, e Amaranto
A rispida melêna
Ao desabrido Velho entrança, e prende;
Ora as aras lhe cinge

Com cheirosos collares de mil flores:
Thé que o rapido Monstro
Avaro de ruinas, e de estragos,
Soberbo, e receoso
D' alheas tyranias, c' hum sorrizo,
Que seu rancor disfarça,
Outorga em fim a Amor quanto lhe pede.
Pela sanguinea fouce,
Que na mão lhe reluz, jura, e promette,
Que de Weinholtz aos annos,
As Parcas fiarão dourados dias,
Cheios de immensa gloria,
De prosperos successos, de venturas.
Que o gelado Danubio,
Que de Berço lhe dar se desvanece,
Com a cerulea fronte
De agudas Espadanas guarnecida,
De sangue rociado

O indomito Tridente,
Inda virá hum dia
Avido de mais fama demandallo.
Apenas Amor ouve
Táo affavel resposta, as brancas azas
Tres vezes despregando,
Aos ares se abalança; mas o Tempo
Alçando a mão pezada
Pelo cordão da aljava o suspendia;
E em quanto lhe tirava
Os dourados farpões, o cruel arco:
,, Estas cruentas armas
,, Improprias são, lhe diz, da tua idade;
,, Para mim as reservo,
,, Em premio das venturas, que prometto
,, Ao teu Weinholtz mimoso.
,, Veremos se este braço tambem sabe,
,, Vibrando agudas settas,

,, Domar os corações. Agora vôa,
,, Em doce paz nos deixa;
,, Deixa gozar o mundo de descanço,
,, Que tu, cruel, nos roubas.,,
Amor as leves plumas sacudindo,
Já livre do tyranno,
Batendo alegre as palmas, lhe dizia:
,, Não cuides, cruel Tempo,
,, Que meu invicto braço desarmaste;
,, Mais poderosas armas,
,, Mais forte passador tenho nos olhos,
,, No Angelico semblante
,, Da formosa Bivar: Com elle posso
,, A meu suave Imperio,
,, A pezar do destino, ver curvado
,, O teu rispido collo.
,, Então verei mil vezes sem receio
,, Tornar tão feliz dia;

,, Verei contar Weinholtz ditosos annos
,, Em prospero socego
,, Nos ternos braços da gentil Consorte.,,
Ao Tempo assim responde
Já sem temello, Amor; e o Velho irado
N' um rigido penedo,
Que borda a ruiva praia de Caxias,
Rompeo a curva fouce.

A' Restauração da Arcadia.

ODE XIII.

SOberbo Galeão, que o porto largas,
Aonde o ferreo dente preza tinha
A cortadora prôa, que rasgava
De hum novo mar as ondas.

Ao alto pégo tornas nunca arado
Dos fracos lenhos, que no Téjo surgem:
Já ferve a brava chusma, e se levanta
A nautica celeuma.

Das douradas antennas penduradas
As vélas já de purpura desfraldão,
Q'aos frescos sopros de hum feliz Galerno
Já concavas sussurrão.

A tremula bandeira, que seguras,
Qual subito relampago fuzila,
E nas azas dos Ventos estendida
Mostra a fatal empreza.

De branca espuma borbotões rebentão
De hum lado, e outro lado; já boiando
Sobre as verdes espadoas de Neptuno
Demandas outros climas.

O Santo Numen, que entalhado leva
Tua dourada magestosa poppa,
Trazer-te nos promette a salvamento;
Naufragios não recêes.

Não temas as inhospitas arêas
De infames costas, de Hyperborios campos;
Pelas Cicladas, Bosphores, e Syrtes
Has de romper constante.

Se as Alcioneas aves levantarem
Em seu queixoso pranto triste agouro;
Não te assustes da nuvem carregada,
Que os máres escurece.

Grasnando negras Gralhas enfiadas
Sobre os tópes, verás buscar a terra,
E logo o Ceo negar-te a escura noite
Da fêa tempestade.

Mas não recêes os fuzís vermelhos;
O ruidoso trovão, que pelas aguas
Em successivos brados estalando
No fundo do mar sôa.

A destra mão que o leme te menea
Fará, que avante passe, sem que amaines
O largo panno: em vão Noto sibila
Pela miuda insarcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas correntes te atropellem
Ao Pólo chegarás, aonde brilha
A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, barbaras Galeras,
Forçando os débeis remos, com que açoutão
O mar que lhe resiste, e que as affronta,
Trabalhão por seguir-te.

Desarvoradas voltão, não se atrevem
A commetter o pélago que surcas:
Com damnados prognosticos agourão
Desastrado successo.

Ora contão, que os máres infamaste
Com vergonhoso misero naufragio;
Que as fulminadas vergas rotas jazem
Nas Cerauneas arêas.

Mas tu constante impavido triunfas ;
E com louros no Ménalo cortados
Enramaste os riquissimos pavezes :
A forte gente crôas.

Se os meus votos escuta o Ceo benigno,
Os votos, que por ti no porto faço,
Os olhos alongando pela esteira,
Que tu nas aguas abres,

Não tornes a surgir em manso porto,
Que Lethes seja o seu famoso nome,
Que os peitos amollece mais briosos,
Que ao somno te convida.

Não se nutre a virtude do descanço;
Arduas emprezas, rispidos trabalhos,
Em nobre coração de immortal gloria
Accendem claro lume;

O claro lume, que apagar não podem,
Nem descarnada mão da triste Inveja;
Nem a fouce cruel do voraz Tempo;
Não chega a tanto a morte.

Aos Annos da Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Leonor de Almeida.

ODE XIV.

CErcado estava Amor de mil Amores
As estridentes settas empennando;
De verde Mirto, de cheirosas flores
Os arcos enramando.

Qual o brilhante gelo sacudia
Das crespas azas sem cessar batendo,
E qual concerta a aljava, e n' agua fria
Curvado se está vendo.

Pelos nodosos troncos dos loureiros
Os dourados farpões muitos provavão,
Outros mais insoffridos, e ligeiros
Em bandos se espalhavão.

Então Amor a doce voz alçando,
Que só de ouvilla os montes estremecem
Os velozes Frecheiros convocando,
Que promptos lhe obedecem.

C' um doce rizo, c' um celeste agrado,
Que os ventos serenava, lhe dizia:
Hoje do Ceo nos traz o Sol dourado
De Alcipe o claro dia.

Foi hoje, foi que em seu gentil semblante
Amanheceo a luz da formosura;
Nunca tão bella Aurora, e tão brilhante
Rompeo a noite escura.

As lindas Graças, os fieis Amores,
As Virtudes gentís dos Ceos baixárão;
E cantando as acções dos seus maiores,
O berço lhe embalárão.

Nos olhos vencedores lhe infundírão
O tyranno poder da gentileza ?
Humanos corações logo sentirão
A liberdade preza.

As castas Musas cheias d'alta gloria ,
A's aureas vozes derão tal doçura ,
Que os louros não perdêrão da victoria ,
Faltando a formosura.

Crescem co' a idade os raios seus brilhantes ,
Que a fervidos suspiros não attendem ,
A pezar de desejos anhelantes ,
Q' em seu altar se accendem.

Mas tempo inda virá , que os innocentes
Olhos formosos seus a nós volvendo ,
Os cruentos virotes reluzentes
Queira espalhar vencendo.

Em quanto a densa nevoa do futuro
Nos rouba a luz de tão feliz instante,
Por mais que as azas mova o Tempo duro
Intrepido, e arrogante,

Da Illustre Alcipe bella o claro dia
Pertendo assinalar com faustas glorias,
De nossos arcos o Destino fia
O louro das victorias.

Alague o Mundo fino pranto ardente,
Voem suspiros, voem mil clamores;
Chovão por toda a parte de repente
Agudos passadores.

O cruel Tempo quebre a fouce dura;
E o Sol girando os seus Frizões ufanos,
Nos traga sempre cheios de ventura
O dia de teus annos.

ODE XV.

NAs despidas paredes, que me abrigão
No tormentoso Inverno,
A passagem do Grânico não vejo
Em fina lã tecida.
Nem marmores, nem porfidos luzentes
Nos alizares brilhão:
Não tine do Japão na parca meza
A rara porçolana.
O dourado saleiro não me cega
C' os tremulos reflexos.
De prata não se accendem mil bugias
Em tortas serpentinas.
Porém Virgilio, Sophocles, Homero,
O Venozino Horacio,
São as ricas alfaias, que me adornão
A sala magestosa,

Os soberbos escudos, em que pinto
A geração illustre.
Elles fazem que Ansberto generoso
Seu amigo me chame;
Que o Sousa marcial com puro estilo
Gracejando me escreva.
Guarde a terra avarenta nas entranhas
O outro refulgente.
O Mineiro na roça afflicto cave
C' os sordidos escravos.
Por ignotos certões exponha a vida
Do barbaro Tapuia
A' setta venerosa, á veloz garra
Do Tigre mosqueado.
Soffra na Linha podre calmaria,
Relampagos, e raios;
Para n' Aldeia entrar acompanhado
De descalços Trombetas,

De purpureas Araras, inquietos
Petulantes Bugios.
Gaste prodiga a mão, em poucas Luas,
O ganho de dous lustros;
Para a vermelha Cruz brilhar no peito,
Que os fardos incurvárão.
No tugurio paterno não cabendo,
Palacios edifica
Alastrado com pedras o caminho.
Do Guindaste as roldanas
C' o pezo do venal Escudo gemem,
Que o Portico remata.
Estupido não sabe, que apressada
A pállida Doença
Atrás delle caminha: que já chega
Involta em parda nevoa,
A Morte inexoravel, derramando
Co' a fria mão angustias;

Que o leito de crueis fantasmas cérca,
E que lhe arranca as chaves
Do guardado thesouro; que o reparte
Pelos rotos herdeiros.
E qual sangrado rio enfraquecido
Torna a gastar-se em sogas!
Com ouro não se compra hum nome digno
Da posthuma memoria.

Ao Padre Antonio Delfim.

ODE XVI.

DElfim, caro Delfim! Com que ligeiro
Lubrico pé, a curta idade nossa
Nos vai atropellando! As horas voão,
Os dias não socegão!

uaes horrisonos Euros insoffridos
Varrem da longa praia a ruiva arêa,
Que nas humidas azas crespas ondas
Indomitas revolvem.

ssim o Tempo cegador co' a fouce
Daqui, dalli talhando a debil gente,
Lança no vasto golfão do sepulcro
As pállidas espigas.

Em vão fugindo da estrondosa guerra,
Se acaso tu, Delfim, calvo não fosses,
Co' a sonora navalha decotáras
Ondados fios de ouro.

Em vão a Lôba, e Sobrepelliz vestindo,
Mostrando do Loreto no alto côro
Inchadas do pescoço as cordoveas,
Bradando salmeáras.

A Morte, a fria Morte, nunca falta:
Ou cêdo, ou tarde chega: todos devem
Humilhar a cerviz: Poltrões covardes,
Colericos Achilles.

Com mão pezada abolla, talha, e rompe
Grevas, arnezes, malhas, bacinetes;
Por baixo do fraldão crava o buido
Estoque refulgente.

Soberba arraza com fragor horrendo
As fundas cavas, os merlões erguidos,
Assolando Cidades, e Provincias,
A toda a parte vôa.

Curvados anciões, môços esbeltos
Córta co' mesmo gume: honras, thesouros
Não lhe pégão no braço; os altos tectos,
Pobres cabanas piza.

De balde Gabilhon co' destro pente,
Mette em batalha juvenís cabellos;
De balde enrola o escaldado ferro
Os martyres topetes.

O frio branco gelo, que não tarda,
Subito põe a marca da idade;
E poucas alvas cans, o gésto mudão
Dos infeitados cepos.

As brandas Lylias, as gentís Filenas,
Todas fogem de vello; todas fogem
Dos olhos sem pestana, regalados,
Das crespas sobrancelhas.

Os teimosos achaques, tristes dores,
Catastas são dos entrevados membros;
Froxos desejos morrem de garrote
A's mãos da Hypocondria.

Não he preciso que venal profeta
Aponte com o dedo para a cinza:
Para velhos não ha melhor caveira,
Que o vidro de hum espelho.

Só tu, Delfim, cansados annos contas,
Sem sinaes de velhice; inda não ouves
O tremendo pregão da Eternidade,
A trombeta da Morte.

ɔbre o telhado teu não pouzão estes
Passaros agoureiros, que bradando
Com espantosos guinchos, annuncião
A derradeira Aurora.

unca velho serás: livre de brancas
A deserta cabeça callejada,
Não se deixa trilhar das leves rodas
Da carreta dos Annos.

ɛm olhar para a méta da carreira,
D' Archimedes no ponto se está rindo
Britanno Capitão, que submergido
Em laudanos do Douro,

marrando o timão, entrega a quilha
Aos rijos ventos, aos cavados máres;
Não ouve as roucas vagas, que mugindo
Os Pólos estremecem.

Venha, se quer, a pállida Doença
A fria Morte pela mão trazendo:
Não te espantes de foices, e relogios,
Nem de azas de morcego.

Apresenta-lhe a calva, que te mostre
Onde as brancas estão? Carão lustroso,
Olhos azues, rosadas faces, alvos
Os crystalinos dentes,

São constantes sinaes da fresca idade,
São de força virís a taboleta;
E próvido Colono, a sabia Morte
Não colhe fruto verde.

Triste de mim, que pêco, e já maduro,
Nos grizalhos monêtes do topete,
Nas carcomidas perolas da boca,
Nas obstinadas rugas;

Já vejo revoar os tristes Mochos,
Que são da fatal hora Miqueletes
Cruel tristeza! Mais crueis memorias!
Perdidas esperanças!

Os filhos, e Mulher, tudo cá deixo,
Só levo na garganta atravessado
O Venozino Horacio, a calva tua,
A Rainha das calvas.

A' morte de José Gonsalves de Moraes, Socio da Arcadia.

ODE XVII.

SE em ricas urnas de ouro refulgente,
Arcades saudosos,
As frias çinzas de Leucacio Fido
Com as lagrimas nossas
Não podemos guardar: em nossos versos,
Do Menalo nos troncos
Seu nome escreveremos, seu bom nome
Das Graças suspirado,
E das quebradas aguas deste monte
Chorado, e repetido.
Estremeçem os Pinhos sacudidos
Dos ventos, que sibillão:

O gado espantadiço se derrama
Pelos crestados campos:
Ao longe estão latindo roucamente
Quebrantados rafeiros;
E em tão triste alarido nos parece,
Que das cortadas rochas
O éco nos responde: Fido, Fido!
Nas solitarias praias
Bradando o negro mar, Fido responde:
Por Fido nós chamamos.
Aonde estão, Arcadia, os teus serenos
Affortunados dias?
Quando vermelho o Sol atrás da serra
O rosto de mil raios
Formoso levantando, por teus valles
Dourava alegremente
As sonorosas folhas inquietas
Das faias levantadas?

Alli, tocando a fistula divina,
Que os Ventos escutavão,
De gado, e de Pastores rodeado,
Senhor nos parecia
De nossos corações, de nossos olhos,
Do Menalo, da Arcadia?
Mas que fado cruel tanta ventura
Das nossas mãos arranca?
Que noite pavorosa está cubrindo
Os ares deste campo?
Que frio gelo prende as claras fontes,
E córta a fresca relva?
Foges, foges de nós, Pastor amado?
Nossas pobres cabanas,
Nossas frautas, e nossos doces versos,
Acaso te aborrecem?
Trocas do manso Téjo, que te escuta
As margens deleitosas,

Por asperos certões, por longos mares,
Por férvidas aréas,
Com que malignos climas te convidão,
E invejosos te chamão?
Ah triste Arcadia, triste, e desgraçada!
Que detestaveis erros
Contra o Ceo commettêrão teus Pastores?
Que lugubre destino
A tão duro castigo te condemna?
Sacrilegos erguemos
Com ímpia mão as campas respeitadas
Dos defuntos maiores,
Para ás feras lançar os brancos ossos,
Q' em santa paz descanção?
As victimas divinas arrancámos
Dos sagrados altares?
Ou que raio cahio sobre estes campos,
Que mais a ver não tornão

O suave Pastor, o claro Fido,
Que vírão tantas vezes?
Maldito seja aquelle, que primeiro
Fiou de curvos lenhos
Avidas esperanças, sede infausta
De enganozas riquezas!
De marmore Marpezio, rijo bronze
Tinha o peito forjado,
Quem ruidosas vélas desfraldando,
Fugio do manso porto,
Sem de Africo temer a rouca furia,
Quando açoutando as ondas
C' os negros Aquilões forte contende!
As crueis tempestades,
Hyades tristes, cabos tormentosos,
E o pégo embravecido,
Ou intrepido, ou louco não temia!
Os mortaes atrevidos

Nada julgão difficil! Entregamos
Nós mesmos os pescoços
A' sanguinosa fouce, á mão pezada
Da Morte inexoravel!
Em soberbas columnas levantamos
Magnificos Palacios:
Nem que a riqueza, a honra, ou a vangloria,
Com refulgente escudo
De rigido diamante nos pudessem
Cobrir a fatal hora!
Escondem frias loizas igualmente
Os Sceptros, e os Cajados!
Tudo deve acabar. Oh claro Fido!
Em eterno socego
Tua cinza descance; a terra estranha
Pezada te não seja:
Se lá no monte eterno a que voaste
Se escutão nossos versos,

Em nossos versos ouvirás teu nome,
Teu nome cantaremos,
Para honrarmos os versos, que cantamos,
Para honrarmos a Arcadia.

ODE XVIII.

CErcado de Pedreiros, de vorazes
Carpinteiros ladrões, ou cervaes lobos,
Que a bolça mé atassalhão, que esfaimados
A feria me apresentão:

Quaes boidos punhaes, negros trabucos,
Daqui, dalli recrescem garatujas!
Assestados canhões, que poderião
Bater os Dardanellos!

Severo Rhadamanto, o çujo Mestre
A postiça gadelha afasta, e puxa:
E os encovados olhos revirando
Alça o rol da madeira.

De balde o rosto viro ; e do medonho
Espectro sanguinoso fugir tento ;
Que Scylla mais cruel, o rol d'arêa,
O beque me descoze.

Sibilantes petardos d'outra parte,
Co' tijolo me quebrão os ouvidos !
Jornaes, carretos, cal, são mil pelouros,
Que silvão pelos ares.

Com a perna ferida, co' as fileiras
Da vuanguarda já rotas, e medrosas
Nas andas inda mostra o grande Carlos,
Indomita constancia !

A' vista de soberbos Castelhanos,
Com poucas Tropas, com bisonha gente,
Sustenta Lippe a ruiva, e fresca nargem
Do Téjo caudaloso !

Mas estes mesmos, ó Macbean amigo,
Se ante seus olhos vissem as carrancas
Dos leões carniceiros, que me cércão,
Voando fugirião.

Tu mesmo c' a Britanna artilheria,
Deixando botafogos, e espoletas,
E os dourados Rabões esporeando,
O posto lhe largáras.

Póde mais hum crédor que hum Elefante,
Não ha tromba mais dura, que huma feria;
E se queres vencer os Alexandres,
Engenios, e Turennas,

Não busques grevas, murriões, pavezes,
Põe-lhe diante o Mercador c' resto,
O Alfaiate, o Barbeiro, ou hum Alcaide,
Verás como desmaião.

E se ainda vãos projectos commetterem,
De cruentas victorias nunca fartos,
Da-lhe o desenho de huma nova escada,
E dize-lhe, que a fação.

Eis-aqui como fico sem lograr-me
Da boa companhia, que te cérca:
Tu, que escadas não fazes, passa alegre
A noite desabrida.

Em brilhantes crystaes a rôxa espuma
Do suave licor do Rheno, ou Douro
Te apresente sorrindo o fullo Same,
E tu vermelho bebe:

Bebe á saude da formosa Filis,
Do magnanimo Conde, a quem Neptuno
Namorado de seu valor, lhe entrega
O Sceptro crystallino.

Os dous Weinholtz, que Marte tanto préza,
Da côva Porçolana que retine,
Co' a boiante colher tirem o doce
Almo fervido Ponche.

E se do pobre Coridon vos póde
Merecer compaixão a triste Historia,
Fazei-lhe huma saude; que lhe sirva
Ao menos de Epitafio.

Ao Senhor Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.

ODE XIX.

QUantos, caro Pinheiro, noite, e dia
Curvados sobre os Livros
A triste vida gastão na esperança
De huma vermelha Borla,
Da Vara, e da Golilha? Honra que chega,
Já quando as cans alvejão
Na myrrada cabeça. Quantos morrem
Por freneticas Palmas
De cruentas victorias? Descorado
No raso campo treme
Com frio susto á vista do inimigo
O misero Soldado:
C' a musica mistura dos batidos
Horrisonos Tambores

Os ultimos suspiros. Pelos ares
Pelouros assovião:
C' tropel dos cavallos freme a terra:
Do pó ,e crespo fumo
As enroladas nuvens escurecem
O resplendor do dia:
Isto aos Carlos agrada , aos Fredericos ,
Eugenios , e Turennas !
Em fragil lenho entregue a longos máres ,
O Mercador avaro
Luta co' a morte : rásgão negros Austros
As prenhes nuvens : brilha
Entre a rouca saraiva , o retorcido
Crepitante corisco :
Estala a fraca verga , a rota véla
Ondeando susurra :
E a fome de ouro tudo faz mais dôce ,
Que a livida pobreza !

Outro, com o martello, os cadeados
Despedaça do cofre,
Que do incansavel Pai o curvo arado
Tirou da dura terra:
Vai perdello n' hum dia, porque gosta
De brincar com tres dados!
Aquelle só se alegra, e se diverte
C' as Belgicas pinturas:
Sonha com Rafael, e Ticiano,
Em quanto o astuto Adelo
Na fragil taboa, com o dedo mostra
A testa de Medusa.
Este, n' alcantilada serra corre
O Javalí cerdoso;
Os sabujos Britannicos latindo
No fundo valle assustão
A quieta Pastora, que atordida
Larga da mão o fuso.

Outro na rica meza rodeado
De vorazes amigos,
Em brilhantes crystaes, de Douro, e Rheno
O rôxo çumo bebe;
Té que dos altos cumes dos oiteiros
Caia a nocturna sombra.
Eu porém nada quero, nada estimo
Mais que a dourada Lyra.
Se os Pastores do Menalo sagrado,
Se os loureiros d' Arcadia
Os meus versos escutão, os meus versos
Me separão do Vulgo:
Na testa cingirei livre de inveja
D' era frondente crôa;
E com Lesbico Plectro, ou Venusino,
Ferindo as aureas cordas,
Arcadia cantarei: o patrio Téjo
Attenda ao novo canto

Com a verde cabeça goteando
Na Urna recostado.
Se aqui chegar, que Rhadamanto póde
Negar-me o Nome Eterno?

o Senhor Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.

ODE XX.

Que facil he com lapis, e compasso
Desenhar no papel huma Cidade
De cavas, e merlões circumvallada,
Soberba, inaccessivel:

Executar porém a grande Planta
He trabalho de hum Rei, caro Pinheiro,
D' Ulysses, de Lyeo, do pio Eneas,
Dido, Romulo, e Remo.

Quando tu no alto pégo ouves zunindo
Pela miuda enxarcia Africo, ou Noto,
Que ferras todo o panno, que manobras
Impavido, e prudente:

Se de longa experiencia aconselhado
Não mandasses constante, que valêra
Ter no tanque de Cintra exposto ao vento
Fragatas de cortiça ?

Todos, todos clamamos, que se observe
O que dita a Razão, e a Natureza,
E as santas Decisões, que nos promulga
A Catholica Roma.

Ninguem se julga barbaro; mas vemos
Lançar fumo o punhal, em sangue tinto
Na mão do matador ; vemos roubados
Os sagrados Altares!

Com damnada malicia, huns aos outros
Enganar pertendemos : falso gesto
He o trunfo do jogo, da amizade
Hypocrito verdugo !

a magnifica meza em crystaes ricos
Trasborda a loura espuma do suave
Vinho de Chypre: alegres convidados
Ao grande amigo brindão:

evantão as reciprocas saudes
Ternissimos colloquios; mas depressa
Esta Scena se muda, e da Discordia
Rola o dourado Pomo.

'elo arbitrio de Páris não se espera;
Nua a espada brilha, e fere: corre
O sangue quente, e os cópos em pedaços
Espalhados retinem.

Que mais faria o perfido Argelino,
Se c'o estreito Chaveco abalroára!
Talvez que nelle achasse mais clemencia
A pobre humanidade.

Se na Hircania, ou no Caucaso nascidos
Os homens fossem, não sería estranha
A traição, o rancor, a triste inveja,
A rispida soberba.

E fôra, pois já vio a antiga Roma
No tyranno espectaculo de Circo,
Esfaimado Leão lamber as plantas
Do amigo descorado.

Oh Amizade, oh dadiva Celeste!
Enfadada de nós, de nós te ausentas!
Abriste as brancas azas, que sonoras
Nos ares te sustentão:

Já sobes, já te elevas, já te escondes,
Ora sereno o vôo, ora apressado,
Nos immensos espaços, onde girão
Outros Soes, outros Mundos.

A Luz do dia foge: fica a terra
A seu antigo cáhos reduzida:
Mas, dentre as grossas trévas apalpando,
Eis se ergue o Fingimento.

Os candidos vestidos da Amizade,
Co'as negras mãos levanta aos torpes membros;
Nas fantasticas roupas disfarçado
Engana a cega gente.

Com estreitos abraços se recebem
Os fingidos amigos: filho chamma
O tyranno Tutor ao desfalcado,
E misero Pupillo.

E nesta tenra idade, fracas almas,
Almas em feios vicios atoladas,
Como podem guardar as leis austéras
Da pávida Amizade?

He facil ter de amigo o santo nome,
E sustentallo com civíl aspecto;
Mas que ao chapéo o coração governe,
He Ethiope branco!

A lingua, que te salva, quando raia
No vermelho Horizonte o Sol dourado,
Antes que à sombra caia dos outeiros,
Te insulta, ou te crimina.

Desastrados rafeiros, que só mordem
Os pobres remendados; porém vendo
Os olhos fuzilar do roaz Lobo,
A cauda desenrolão.

Não se encontrão Eurialos, e Nizos,
Castor, e Polux, Pylades, Orestes;
Nem para renascer a extincta raça
Esperes nova Pyrrha.

Mais facil he que Cadmo resemeie
Os dentes do Dragão, e que rebentem
Da terra depravada, enfurecidos
Armigeros Guerreiros.

ODE XXI.

COm que fervidos rógos imaginas,
Caro illustre Macbean, q'ao Ceo clemente
Cansa hum Poeta? Crê-me; não lhe pede
Magnificos Palacios.

De pouco se contenta; não cobiça
Do fulvo Téjo arar as ferteis margens,
Onde sonora freme a loura espiga
Dos Euros açoutàda.

Os rufos Touros, as malhadas Vaccas
Dos campos Transtaganos não deseja,
Nem Indico marfim, ouro brilhante,
Nem pérolas do Ganges.

fouto beba o Mercador em taças
De esmeralda, e safira o licor almo
De Chypre, e de Falerno; já que os máres
Parece que governa.

ıpune tres, e quatro vezes rompa
Cad'anno o Golfão: desfraldando as vélas
Impavido commetta infames costas,
Inhospitas arêas.

ío lhe invejo a fortuna, pois me basta
Passar a curta vida retirado
Na Fonte-santa ao som da clara vêa,
Urdindo novos versos.

ivina Providencia, tu bem sabes
Quão pouco te molestão meus desejos:
Não quero mais que ver na frugal meza,
De filhos rodeada;

Hum limpo cópo, com que nesta grande
Noite, só para mim prospero dia,
Possa alegre brindar aos faustos annos
Do heroico São Vicente.

Com mais pouco se matta a crua fome;
Para fazer seu grande Nome eterno,
Ou pobre, ou rico viva, tenho a Lyra
Do cantor de Venusa.

Em quanto, ó Conde, as bellicas virtudes,
Que herdaste de teus inclytos Maiores,
No regaço da Paz jazem tranquillas,
Preparo os Epinicios.

Tempo depois virá, que desferindo
Em aurea Poppa as Lusitanas Quinas,
Arrazadas as aguas de Turbantes,
Te croem mil victorias.

negro sangue as armas rociadas,
Arrastados trarão ao Luso Throno
Os Mouros Capitães; nas duras costas
As rôxas mãos atadas.

as Estrellas então me consentirem
Tuas acções cantar, da fria Morte
Verei luzir a fouce, satisfeito
Da gloria, e da fortuna.

Aos Annos do Senhor José Carlos Mardel.

ODE XXII.

A Penas hoje a somnolenta Aurora,
Entre as rosadas nuvens, que abafavão
Da alcantilada serra os altos cumes,
Mostrava a manhã fresca:

Huma inquieta tropa de vendados,
Lindissimos Amores, se alojava
Do fulvo Téjo na arenosa praia,
Que adorna a grão Cidade.

Arnezes, malhas, grevas, e loricas
Veste a soberba juvenil Phalange;
Dos aureos elmos com as torcidas plumas
Zefiro empenna as azas.

o rouco som de horrisonos tambores,
Que n'uma, e n'outra margem retinia,
A brava gente ferve; qual puxava
A rapida columna;

ual marcando reductos, e trincheiras,
Na ruiva arêa crava as aureas settas;
E qual levanta co' alvião pezado
Merlões, e plataformas.

s tirantes de purpura atezando,
Outros arrastão sagres, falconetes,
Que em altas baterias assestados
Afrontão todo o Mundo.

ntão Amor alçando a mão tyranna,
Onde a farpada ponta fuzilava,
Manda jogar os fervidos morteiros,
E rompe nestas vozes:

Esta alegre rezenha, companheiros,
A tão prospero dia he consagrada:
Hoje a Mardel gentil as duras Parcas
Fião dourados annos.

As rôxas ballas, que nos ares silvão,
Das bombas as sonoras espoletas,
As ruidosas granadas fulminantes,
Tudo seus annos louvão.

O bellico ruido aos mesmos astros
Ensina a repetir seu claro nome:
Os mesmos Astros, quaes seus olhos brilhão,
Scintillárão com elle.

Disse: e da terra subito levanta
Dos horridos canhões o negro fumo,
Qual Encélado, montes sobre montes,
Ou nuvens sobre nuvens.

Mas eis que o cego Nume a Scena corre ;
Não vi na liza arêa mais que o fumo
De miseras entranhas palpitantes,
De corações feridos.

Que abrazados queixumes, que soluços,
Oh que doces suspiros, que soavão,
De maneatadas Ninfas, que rendidas
Jazem no duro campo !

As linhas, os ramaes, as colubrinas
Outra cousa não são mais que seus olhos,
Que seus olhos azues, alvo semblante,
Que seus louros cabellos.

Fugi, Ninfas, fugi daquelles olhos,
Nelles afia Amor seus passadores :
Fugi, Ninfas, fugi, que seus cabellos
São as Vulcaneas redes.

ODE XXIII.

POis sabes, que nas margens do Mondego,
Amor, que he grão Poeta,
A cantar brandos versos me ensinava,
Quando prezo me tinha,
E victima chorosa as aras cruas
Banhei c' o sangue quente
Do roto coração, das rotas veias,
Que abrião seus virotes:
Não estranhes, Senhora, que os furores
Do genio Sibyllino
Me forcem a louvar o claro Dia
De teus ditosos Annos.
Ao santo Templo da immortal Memoria,
Sobre as azas da Fama
O desejo levar; quero que chegue
Aos seculos futuros,

Cercado de relampagos, e raios,
Com que os Vates fulminão
Da Inveja triste as assanhadas serpes,
Que em torno lhe sibilão
Do livido semblante descorado,
Dos olhos furibundos.
As estofadas Ondas somnolentas
Do Lethes vagaroso
Verão passar mil vezes tão bom Dia
De estrellas coroado.
Virão, como hoje vem, a teus altares
Render devoto culto
Os miseros amantes desmaiados,
Em suas mãos trazendo
Inda quentes entranhas palpitantes,
E corações fumando.
Outros Tyrses, e Elpinos namorados,
Outros Licidas Cintios,

Prostrados ergueráõ queixosos Hymnos,
Rasgando os mansos ares
Com férvidos suspiros, com seu pranto,
Que tu, Cruel, desprezas!
Só não sei se haverá outra Silvandra,
E que Vestal do Templo,
No sonoro rebolo, o fatal gume
Afie da bipenne,
Com que desfeixa os golpes, nos solemnes,
Cruentos sacrificios;
Quando a gelada Victima estremece,
E cerra os tristes olhos.
Hoje porém, que tão alegre Dia
Com farta mão derrama
As delicias, prazeres, e fortunas
Em toda a Fonte-santa;
E nas espaduas do ligeiro Noto
As Graças, e os Amores

Com sonoro susurro andão voando
A' roda desta casa;
Deixa, gentil Senhora, que se mude
A Cithara soberba
Em Avena campestre, e que te offreça
Humilde rendimento
De singela vontade, e sãos desejos;
Huma pobre gallinha,
Hum alvo ganso, que muito ha que adeja
Para voar tão alto:
Ainda elle espera hum dia transformar-se
Em constellação nova;
E co' as pennas das azas rutilantes,
No azul ethereo Assento
Escreverá de Arminda o doce Nome;
Para ser entre os Astros
De desejos, amores, e suspiros,
O Norte luminoso.

ODE XXIV.

Em quanto o pobre Tyrse descançado
Da Preguiça nos braços somnolentos,
C' a boca meia aberta a somno solto,
Ou ronca, ou se espreguiça:

Em quanto a torpe, e vaga fantazia
Luctando com cançados pezadellos
Em verdes bancas pinta as louras marcas,
Lhe mostra o az de copas:

Em quanto atado ao duro, e longo remo
Da galé, com que surca fundos pégos,
Os calejados hombros dobra ao duro
Arrebém de comitre:

Em quanto crê, que a Fonte-santa alegre,
Com sonoro ruido solta as aguas,
Só quando vê em seus quebrados olhos
Amor tremer com frio:

Em tanto o bravo Elpino, qual o fulvo
Famelico Leão da gran Nonacria,
Ataçalhando os pavidos rebanhos,
Traga famintos membros;

Assim vem, assim vê, assim subjuga
Rebeldes corações, que reduzidos
A poucas cinzas, qual o debil fumo
Em crespas nuvens voão.

De baixo já da planta vencedora,
Em frio sangue çujos palpitando
Abjurão de Mafoma, ou molle Tyrse,
A immunda torpe Seita.

Mas o pio Alexandre condoido
Da orfandade das miseras cativas,
Nas ricas almofadas, barba, a barba,
Affavel as recebe.

Oh que doces, que lagrimas contentes
Inundão negros olhos! Que suaves,
Que fervidos suspiros retinindo
Não voão pelo tecto!

Ah pobre Tyrse! acode, que te pizão;
Que teus campos já roubão, talão, queimão
Armados esquadrões d' outros Amores,
Amores invencives.

Tradução de huns versos Inglezes, feitos a hum seu grande Pintor.

ODE XXV.

O Dourar amanhã; do Sol, que nasce,
Derramar os reflexos;
Pintar á sombra do cerrado bosque
A rapida corrente;
As ceruleas montanhas affastadas
Mandar, que se levantem,
C' o vermelho horizonte confundidas;
Pela verde campina
O rebanho espalhar, que anda pascendo;
Dos rachados penedos
Fazer que desção caudalosos rios;
Que a creação formosa

Brote de baixo desta mão potente ;
He a grande tarefa ,
Que só se atreve a descrever Sertorio.
Mas quando sazonados
Apparecem os frutos de Pomona,
A produção amavel
Do fertil anno ; então a Natureza
Porque se vê vencida ,
Se mostra envergonhada : ó pincel raro !
Do que o Sol , mais fecundo
C' o doce toque os pomos faz maduros :
Do Paraiso póde
A memoria acordar ; dar-nos seus frutos
Sem segundo delicto.

DITHYRAMBO I.

Os brilhantes trançados enastrando
Com verde mirto, com cheirosas flores,
Nos lindos olhos vivo rutilando
O doce lume
Do cego Nume,
Alvas donzellas,
A quem vos ama,
Da crespa rama,
Que Bassareu
Ao Mundo deo,

Co' as brancas mãos no cópo crystallino
Lançai ligeiras
Louro Falerno, rubido Sabino;
Eia, voai
Deitai, deitai;

Gró gró, tá tá,
Que cheio está:
Ora brindemos
As gentís Graças, castos Amores:
No mar lancemos
Rixas, tristezas, mágoas, temores.

Mas de coradas nuvens, affumados
Vejo em torno girar os negros montes:
Candida espuma
De purpureas fontes
Ferve, e se enleia
Na crespa veia,
Com que o ribeiro
Corre ligeiro.

Por entre as aveleiras buliçosas,
Das balsas espinhosas,

Mil capripedos Satiros auritos,
E mil Faunos brincões,
Já vem saltando,
A terra c' o ruidoso pé trilhando.
Sincinnas corêas,
Bistonidas feas
Fórmão bradando
Evoé, Saboé:
Amores inspira:
O doce Leneo,
Amores bebamos,
Do peito lancemos
Os sustos, temores,
Nos cópos já temos
As Graças, Amores.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Bassareu.

As férulas protervas coriscando,
Entre as cervinas pélles maculosas
Derramão brilhantes
Tremulas estrellas,
Sobre as soltas bellas
Fulguricrinantes
Tranças pampinosas
Das thyrsigeras Thyadas raivosas,
Corycio escutando
O frigio clamor,
Está ululando
Com triste fragor.

Sobre o prado ameno
Tremilhicando o pávido Sileno,
Do Ebrifestivo cópo que trasborda
Pela micante borda
Deixa entornar, com rubicundo rosto,
O cheiroso rubi, ò quente mosto:

Encrespou o nariz, e sacudindo
Os humidos bigodes, ficou rindo.
Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Bassareu.

Com Tyrso potente,
Em carro luzente
De Tigres puxado,
Dourando este dia,
Desterra o cuidado;
E traze alegria.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Bassareu.

Os cópos brilhantes
O bom Nictileo
Em brindes retinem,
E Amor adejando
Co' as azas rorantes,
Se está mergulhando
Em ondas brilhantes.

Evoé.
Ó Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Bassareu.

Ao Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva, Socio da Arcadia.

DITHYRAMBO.

BAcco, Elpino, cantemos; dá-me o Bromio;
Oh que bem que elle sôa! Eu toco; canta
Bacco, Bacco, evoé.
Mas que fazes? Não ouves, Olha, escuta
O estrepito sonoro
Da confusa Thymele.
Não saltas? Não te alegras? Olha, escuta
Bacco, Bacco, evoé.

Os olhos tens chorosos; somnolento,
Estupido o semblante; rubicundas,
E quentes as orelhas;
O nariz frio; os braços pendurados:

Cambaleas ? Tu cahes ? Elpino , cahes :
Ah ! Já sei : os symptomas bem conheço,
Opprime-te a ambrozia :
Nada-te o coração no licor forte ,
Que corre em catadupas pelas veias.

Doce Padre Lyeo , acode , acode ,
Acode ao teu Elpino :
Bacco , Bacco , evoé.

Vem , vem , ó Dithyrambo , se as alegres ,
Crepitantes Lenêas te não prendem ,
Se affogado do fumo dos legumes ,
Os olhos esfregando as ventas torces ;
Vem , vem , q'eu te prometto
(Por esta taça o juro)
Devoto celebrar as anthesterias :
Vem , vem Bacco , evoé.

Mas que ouço ! Escuta , Elpino :

Ouço ao longe ranger os parafusos
Dos cheirosos lagares!
Descendo pelas roscas grita avara;
Bom sinal, evoé.

Vejo, por entre chuvas de bagaço
Hum vulto pelos ares vir batendo
Compridas azas; mas não tem cabeça,
Não tem pés, não tem mãos:
Ah! já na terra pouza:
Vamos Elpino ver; hum Odre, hum Odre!
Es tu Bacco, evoé.

Elpino, toma, bebe
O valente elexir, que nos restaura
Das passadas fadigas,
Que aquenta os frios membros,
Que faz vermelho o velho descorado,

Que alegra a mocidade,
Que o somno concilia.
Elpino, toma, bebe:
Bacco, Bacco, evoé.

SATYRA I.

Coridon, Coridon, que negro fado,
Que frenezi te obriga a ser Poeta!
Que esperas de teus versos? Ainda esperas
Pelos antigos seculos dourados,
Quando achavão Mecenas bons Engenhos?
Não sabes que das Musas Portuguezas
Foi sempre hum Hospital o Capitolio?
Viste já, que seis Urcos arrastassem
Em douradas Berlindas hum Poeta?
Não escreve Luziadas quem janta
Em toalhas de Flandres; quem estuda
Em Camarins forrados de Damasco.
Quanto mais que esses versos q' assoalhas
São trovas, de que os doudos escarnecem,
Sem que lhes valha o titulo estrondoso

Com que talvez pertendes baptizallos :
Odes lhes chamas tu ; elles murmurão
Não sei de que palavras : outro dia
Me disse Fabio o douto , o longo Fabio ,
Que destes bolos o chavão não tinhas ;
Que no *Alcaide* fallaste , e nos *Bugios* ,
Nos *descalços Trombetas* , termos chulos ,
E vedados a melicos cantores.
Pois hum Matuzio , o fallador Matuzio ,
Que inda mais livros lêo de quantos teve
Ptolomeo , e conserva o Vaticano ,
Nesta mesma bigorna lá de longe
Co' a pezada cabeça te martella :
Que furia te tentou com tal *Alcaide* ?
Antes Tribuno , ou já Lictor dissesses ,
E se sabes Francez *Sergent* , sería
Enfeitar o teu cepo mais á moda :
Mas tu não fallas ? Callas-te ; que dizes ?

Que hei de dizer, Calfurnio! Que já cedo
Como Horacio aos prestigios de Canidia,
Que aos mãos te dou a ti, e aos bons Letrados
Licurgos, e Ulpianos de palavras,
Com que me allegas, com que me intimidas.
Que alegre borrarei o nome de Ode
Dos versos meus, que por desastre vírão:
Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneio tão ligeiro,
Escapar aos Malsins que me pesquizão.
E não fora melhor que te deixasses
De huma Arte desgraçada, que os prudentes
Já calvos Salamões, Padres Conscriptos
Aborrecem, desprezão, e condemnão?
Almotacel que queiras ser de hum Bairro,
Excluido serás sendo Poeta.
Antes de ti se diga, que perdeste
O dote da mulher, o pão dos filhos,
Porque Gelonio teve quatro d' honras.

Antes de ti se diga, que roubaste
Ao pobre caminhante dez cruzados;
Que violaste as Vestaes; que em vão juraste;
Que es Bruxo, Delator, q'es hum falsario:
Tudo o tempo consome, tudo esquece,
Tudo dourão riquezas; mas Poeta!
He furia sem remedio, he cão damnado,
Todos o apupão, todos o apedrejão.
Tu andas pelas ruas mui contente
Com teus grandes canhões impertigado,
Inda que baixo, e fusco, vas cuidando
Que reparão em ti, que todos dizem,
Com o dedo mostrando a má figura:
Eis o grando Poeta, que nos trouxe
A galante invenção de versos soltos,
O contagio das Odes, que atrevido
Quer extirpar a seita dos Sonetos.
Mas quanto Coridon, quanto te enganas!
He certo que te apontão; mas bradando:

,, Lá vai o novo Horacio author da Ode ,,
Varra o crédor soberbo a pobre casa
C' o desabrido Alcaide, circumspectos
Embicando no *varra*, e mais no *Alcaide*
Poem as mãos na cabeça. Clamão que Odes
Nunca vírão com termos tão rasteiros ;
Pensamentos, que forão condemnados
Nos rusticos escolios de Lucilio.
Basta, Calfurnio meu, ante os Juizes,
Que tão boa sentença proferírão
Quizera retractar-me, e te prometto
De abjurar o estilo que seguia.
Buscarei novas frases, novos termos,
A lingua fallarei de Palainhos:
As minhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro, que nunca mais lhes falte
O sonoro zão zão dos consoantes,
Magestosas idéas Sybillinas,
E outros taes atavíos, com que arreão

Suas composições esses bons mestres.
Mas tu que tens a dita de pizares
O Portico sagrado de outra Athenas,
Que es Estudante, e foste preservado
Da culpa original da pobre Arcadia,
Descendente do Adáo do grande monte,
Que larga as cans de prata no Mondego;
Por Anciáo famoso, e conhecido,
Vai, e por mim o Oraculo consulta,
Pergunta se tambem o Venuzino
Clara Estrella polar, o velho Horacio
Errou na opiniáo desses Cujacios,
Quando chamou sem pejo dentro em Roma
Ante a face de Augusto, em suas Odes
Garridos Espadões, a mil Eunûchos.
Ao bom Afio chamou vil usurario;
A Mevio fedorento; Mastim a outro,
Bruxa a Canidia; se varou em terra
Seu baixel alteroso, quando disse

De hum mío liberto, prodigo, e soberbo,
Que fora do Verdugo c' o azurrague
Nas costas fustigado até incharem
Ao gritador Porteiro as cordoveias
Do vermelho pescoço que suava.
Não te fallo na velha deshonesta,
Que os falsos arrebiques lhe cahião
Pelo verde semblante descorado,
Como o vermelho barro no alto monte
Em laivos se derrama, quando a chuva
Principia a correr em enchorrada.
para, Coridon, que nessas Odes
As palavras que allegas são Latinas;
go póde em Latim dizer-se *Prèco*,
Porteiro em Portuguez he condemnado.
a, Calfurnio, vai-te; em paz me deixa,
Que nem me lembro já de taes Doutores:
Qual o grande rafeiro, que seguindo
O dono vai, sem reparar nos fracos,

Insolentes cachorros da Cidade,
Que ora lhe ládrão, ora lhos assulão,
Mal lhe volta o facinho arreganhado,
E o lizo agudo dente que branqueja,
Qual a fouce da Morte os intimida.
Justo porém será que tu lhes digas,
Que varra cada qual sua testada,
Que assás borbulhas tem para coçar-se.
Que seus versos não leio, que não leião
Elles os versos meus, Odes, ou trovas;
Não lhes quebro os ouvidos, não os canso
C' a importuna lição dos meus Poemas:
N' Arcadia os leio; alguns de seus Pastores,
A quem verde era cinge, e adorna a fronte,
Pejo não tem de lellos, e approvallos.
Que se guardem de mim, porque se peço
Ao campião de Apulia a longa espada,
Com que fendia as costas dos Romanos,
Nem a maldita fama bolorenta

De seus célebres Nomes esquecidos,
Illésa deixarei; serão cantados,
E fabula do dovo em toda a idade.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de S. Lourenço.

SATYRA II.

NÃo posso, amavel Conde, sujeitar-me
A que ás cégas se imitem os Antigos;
Quero dizer, aquelles Portuguezes,
A que hoje chamamos Quinhentistas;
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
Forão grandes Poetas; qualquer delles
Foi discreto, e foi sabio; em fim as Musas
Lhe embalárão o berço, e lhe cobrírão
Com murta, e com loureiro a sepultura;
Mas nem por isso os pobres escapárão
A' culpa original: tem suas faltas,
Tem seus altos, e baixos, tem sedeiros,
Onde dá c' os focinhos hum Pedante,

Que vá por onde for ha de seguillos,
Que ha de furtar-lhe tudo quanto dizem;
E seja bom, ou máo, isso que importa;
O ponto está que o diga algum daquelles,
Que Craesbeeck imprimio: ha maior teima!
As Graças são muchachas, são rizonhas,
São faceis, são suaves: elles querem
A' força pôr-lhe brancas, e bigodes,
E não lhos sabem pôr: que he o que eu digo?
Imitão o peior; mas não imitão
Os versos mais canoros, e correntes,
A sizuda dicção, a frase pura;
Aquelle Atico sal, que não conhece
Quem nunca vio o Portico de Athenas,
Se quer em caixas opticas pintado;
Isto he, Anacreonte traduzido,
Aristophanes, Sophocles, e Sapho:
Sem que fique de fóra o bom Homero,
E outros, em que poder não teve a morte.

Para imitares tu, Senhor, os feitos
De teus claros Maiores, necessitas
De calças, e gibão? Se hoje sahisses
Com jaquete, e golilha; quem seria
Tão sério, e tão sizudo, que pudesse
Conter o rizo? Nada te valêra
Responder-lhe gritando, que imitavas
Os distinctos Avôs, que dos Noronhas
A Prosapia exaltárão generosa
Nos seculos passados: Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com socego inalteravel
Nos grandes corações: Ora esta regra
Corre a nivel d' altura do Parnaso.
Imite-se a pureza dos Antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com frase nova,
Que a fez, ou adoptou a nossa idade.

Ao tempo estão sujeitas as palavras ;
Humas se fazem velhas, outras nascem :
Assim vemos a fertil Primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despio o Inverno desabrido.
Mudão-se os tempos, mudão-se os costumes :
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo* ;
O ponto está que ambos expliquemos
Aquillo que pensamos : a energia
Do discurso, e da frase não consiste
No feitio das vozes, mas na força :
Salvo conforme aos Garrulos Trovistas,
Que não te chamão justo, sem chamar-te
Ou robusto, ou augusto ; inda que sabio
Detestas a lisonja. O raro Apelles
Rubens, e Rafael, inimitaveis
Não se fizerão pela cor das tintas ;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo,

Cuida que em dizer *mór* tem dito tudo:
Que muito, se não ha discernimento,
E reina a affectação! Vejo Pedantes
Trepados em Cadeiras, descompondo
Os mais honrados Cidadãos de Athenas;
Sem razão, nem vergonha: e vejo gente
Prudente, e sábia embasbacar nos gestos
Do Mono petulante. Muito póde
A opinião, a teima, ou o capricho!
E o Pedantismo póde mais que tudo;
Pois arrasta a Razão, piza a Verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Vôa por esses ares, sóbe ao cume,
Onde a vaidosa Idéa ergueo o Templo
Da fantastica Fama. Alli se abraça
A Soberba, e a Vaidade c'o a Preguiça:
Vive a Ignorancia alli, dalli pertende
Dictar as leis ao Mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebata?

Que Demonio me inspira alegorias,
Sem permissão do Tribunal Censorio
Dos Criticos modernos? Não he moda
Hum Estro nobre; tudo está mudado:
Ha Pragmatica nova, estreitas regras,
Que obriga a jejuarmos, Poesia,
Tão longa quarentena; e não me espanta
Ver Poetas mirrados, se a abstinencia
Das Clausuras fugio para o Parnaso.
Os nobres Portuguezes, Christãos velhos,
Acaso são Gentios, como forão
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,
Para inventarem cousas inauditas?
Fabulas novas? Bastão as pinturas
De quatro bagatellas: huma fonte,
Hum bosque, hũ rio, hũ campo, hũ arvoredo,
Hum rebanho de cabras, dous Pastores
Com cajado, e surrão; huma Pastora,
Que se está vendo n'agua: ha melhor cousa?

Quem póde fazes mais ? Que nos importa
Que o verso seja frouxo , ou deslocado ,
Sem Grammatica a frase , sem pureza ,
E sem graça a dicção ; ou em fim tudo
Sem connexão , sem ordem , sem juizo ?
O caso está que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio , sem que esqueça
A gaita do Pastor , nem os abraços
Da simples Pastorinha : e que as palavras
Sejão humildes , velhas , e caducas ,
Se quer de quando em quando. Ah Senhor Conde!
Se isto he ser bom Poeta , bom Poeta
Eu o prometto ser em pouco tempo.
Mas tu , Senhor , bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do Deos louro :
Não se compra a dispensa com dinheiro ,
Nem vale ter o Pai no Desembargo ;
Mas he preciso grande genio , longo ,
E escolhido estudo ; ouvir a todos ,

Seguir a poucos; conversar c' os mortos,
Quero dizer, c' os livros todo o dia,
E toda a noite; alli se faça branco
O cabello, que foi ou preto, ou louro.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

Vende-se em Casa de Paulo Martin Filho, na Rua da Quitanda N.º 34.